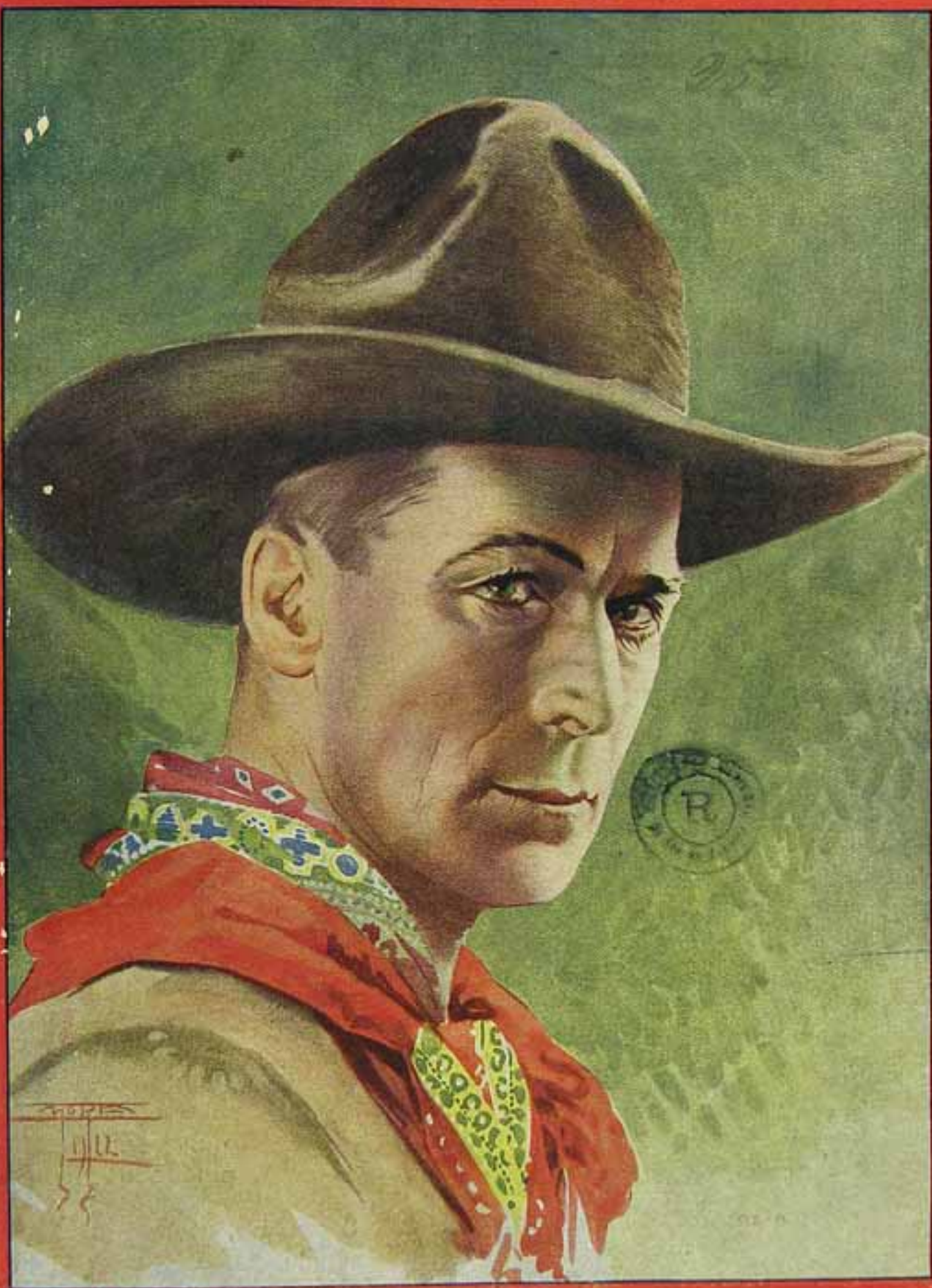




Paratodos...

ANNO IV • Nº 180

Will
S.
H. DR

Já comprou um bilhete da Grande Loteria da
Cruz Vermelha Brasileira?

E' A MAIOR
LOTERIA
DA
AMERICA



A MELHOR
E A MAIS
BARATA
DO MUNDO!

1 Premio de	5.000:000\$000
1 " "	1.000:000\$000
1 " "	500:000\$000
1 " "	200:000\$000
2 Premios "	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

30.000 BILHETES

9.550:000\$000 em prémios!!!

Bilhete inteiro 500\$000 - Meios 250\$000 - Quintos 100\$000 - Decimos 50\$000 -
Vigesimos 25\$000 - Centesimos 5\$000.

ESPAÑA

Tres cousas esenciaes são precisas para tornar a cutis feminina de uma bellera permanente: primeiro aclaral-a, depurando-a de todo o panno ou mancha; segundo, suavizando e communicando a finura da seda, e terceiro, transmittir o frescor e a louçania da petala da rosa.

Estas tres cousas se conseguem, usando diariamente o

PÓ DE ARROZ MENDEL

efficaz elemento de belleza, cujas excellentes propriedades são de um effeito maravilhoso e esthetico.

Importante: O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente, que resiste á acção do ar.

O seu uso não requer o emprego de cremes ou pomadas.

Vende-se em todas as perfumarias.

Usa-se nas tôes branca, rosa, para as claras, de pouca côr, "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (creme) para as morenas.

Agencia do Pó de Arroz Mendel:

RUA 7 DE SETEMBRO N. 107,
1º ANDAR. TEL. C. 2741

Deposito em São Paulo:

Rua Barão do Itapetininga n. 53

MENDEL & C.



Paris - P. 1111



Questionario



Toda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Outrider — Rio de Janeiro.

Devido à formidável affluência de cartas para esta seção, muitas aguardam a resposta por semanas e meses até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a atenção para a lista de endereços de artistas que mentalmente publicamos; isso evita-lhes a muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de compulsação catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films, devem vir sempre que possível os títulos. Esta nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um título passarem com outro nos Estados Unidos.

SALOME' (Rio) — Ha mais de dois annos que não sabemos onde para.

LECY CUNHA (S. Paulo) — Só respondemos por aqui. 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

JOÃO FERREIRA DE SOUZA (Santa Cruz-R. G. do Norte) — Tem companhia propria hoje. 2719 Sunset Boulevard, Los Angeles, California, U. S. A.

RAPHAEL DE OLIVEIRA (Victoria) — Alguns sahiram bem recentemente ainda; os outros não de sahir; alguns porém são artistas tão vagabundos que nunca os collocaremos na capa.

ROGERIO RUSSO (Campinas) — 1º, Não sabemos se fornecerá, porque ella já mais teve aqui representante. Os que passaram pertenciam ao stock de um individuo que os trouxe ao Brasil e aqui os explorou por algum tempo. 2º, Morreu ha mais de dois annos. Nem de uma, nem de outra. Uma é casada com Allen Holubar; a outra com Wheeler Oakman. 3º, Não, e isso já noticiámos. 4º, Nunca fez. 5º, Por findar o seu contracto.

WALLACE JOY (Itú) — 1º, Já está por cá e nada fez por lá. 2º, Não veio. 3º, 34 annos, é o que ella diz. 10 th Avenue, 55 th to 56 th Streets, N. Y. C. 4º, 24 annos.

JOÃO LUIZ DE SOUZA (Pelotas) — Plady Brodwell? Nunca ouvimos falar em tal. Será Gladys Brockwell? 2º, 703, N. Gramercy Place, Los Angeles, California. 3º, Universal City, California. 4º, 10 th Avenue, 55 th to 56 th Streets, N. Y. C. 5º e 6º, 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

ALFREDO SANTOS (Santa Maria) — 1º, 10 th Avenue, 55 th to 56 th Streets, N. Y. C. 2º, W. 45 th Streets, N. Y. C. 3º e 5º, Universal City, California. 4º, Londres.

EDDIE POLO, O HERCULES (?) — Leia o que recommendamos no cabeçalho.

AFILHADINHA (Bahia) — Segue pelo correio. 2º, Está passando actualmente. 3º, Já passou. Muito bem. Betty Blythe nascida em 1893 em Los Angeles, California. Educada ali e em Paris; trabalhou no palco dois annos. No cinema com a Vitagraph, Wolrd, Selznick, Gold-

wyn, Brentwood, etc. Casada. Cabellos pretos, olhos azues, 1,72 de altura e 63 kilos de peso. Sempre ao seu dispor.

GUARACY BARRETO (Rio Grande) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C. Responder às cartas, duvidamos. O retrato, se não se esquecer de juntar à carta, 25 centimos em sellos, virá de certo.

ALBERTO MACETTA (Santa Luzia do Carangola) — No cabeçalho encontrará o preço. A colleção, 150\$000.

DR. ABERMON REICH (Santo Antonio do Monte) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C. Só respondemos por aqui. E este consultorio é privativo dos leitores.

XISTO DE PAIVA (Araraquara) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C. Que referencias deseja?

MERCURIO (S. Paulo) Vae em outro lugar a resposta.

JUANITO JOCELINE (Rio) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C. qualquer das duas.



HARRY BLAKE (S. Paulo) — 1º, Se nos perguntasse o contrario, a resposta seria prompta. Assim, porém, melhor será escrever ao representante da fabrica, rua da Misericordia, 34. 2º, Varios. 3º, Ignoramos. Desde 1920 não vem films dessa empresa ao Brasil. 4º, Já está bom e trabalhando para a Universal.

W. CAMARA' (Santa Maria) — 1º, 485, Fifth Avenue, N. Y. C. Com ella em Bicho Carpinteiro, Theodore Van Eltz.

SACCADURA & GAGO (Recife) — 1º, Leia o que recommendamos no cabeçalho. 2º, Escreva-lhes directamente, mande 25 centimos em sellos e espere. 3º, Não lhe gabo o gosto. 4º, Universal City, California. 5º, 29 annos, 485, Fifth Avenue, N. Y. C. Casado.

BERTINE BOHEMIA (Alagoas) — Impossível responder à sua pergunta sobre a tal creatura sympathica que viu ha quatro annos. Veja o que recommendamos no cabeçalho. Quanto aos numeras, seguiram.

OSWALDO CLAUDIO (Porto Alegre) — Pois sim, mas já estamos fartos dessas tentativas que nunca vão avante. Quando fizerem alguma cousa que se pos-

sa ver mande, que publicaremos. Mas retratos, grupos de iniciadores, etc. Nada disso.

NENEN (?) — Lá já existem milhares nas suas condições, falando inglez, e nada arranjam. E' debalde que tenta. Tire o sentido dahi.

J. ARAUJO PEREIRA (Mauá) — Escreva para Roma que ás mãos lhe irá ter. Só respondemos por aqui, nunca por carta.

J. FARIA (?) — 729, Seventh Avenue, N. Y. C.

WILLIAM WHITE (S. Paulo) — 1º, 485, Fifth Avenue, N. Y. C. 21 annos, solteira. 2º, Trabalha para varias empresas, conforme é contractado, para este ou aquelle film. 32 annos, divorciada, 7216, Franklyn Avenue, Hollywood, California. 2º, Divorciada, 485, Fifth Avenue, N. Y. C. 24 annos. 4º, Leia o que recommendamos no cabeçalho. Só assim poderemos responder. 5º, Escreva, mande 25 centimos em sellos-resposta e aguarde a resposta.

AIPMYLO (Rio) — Brevemente. 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

MARCUS PETRONIUS (S. Paulo) — Brevemente O Arlequin corresponderá aos seus desejos. Não sabemos se algum virá. Só Fern Andra prometteu. Houdini está fazendo films por sua conta. Não veio nenhum ao Brasil ainda. A' pergunta não podemos responder como foi feita.

ARTHUR BAUER (Itajahy) — Não sabemos quantos fasciculos dara. O preço do primeiro é o preço dos outros.

BEBE BOY (S. Luiz) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

JACK WINE (Santos) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C. ou Lasky Studio, Hollywood, California.

ATHOS LENZ (Santa Maria) — A's desconhecidas pôde escrever para Hollywood, California, que pôde ser que as cartas achem destino. Mary Glynn é inglesa, artista theatral em Londres.

JUANITA DE OLIVEIRA (Bello Horizonte) — Seguiu o numero reclamado.

BRASILIAN GEORGE WALSH (Recife) — Quando noticiámos a fundação demos rua e numero. Agora já não nos recordamos desse ultimo.

DOROTHEA (Bahia) — Ainda não passou.

DIRECCOES DE ARTISTAS

Richard Headrick — Louis B. Mayer Studio, 3800 Mission Road, Los Angeles, California.

Gladys Walton, Miss Du Pont, Maud George, Dale Fuller, Baby Peggy, Hoot Gibson, Art Acord, Myrtle Lind, Herbert Rawlinson, Gertrude Olmsted, Harry Myers, Priscilla Dean, Erich von Stroheim, James Kirkwood, Marie Prevost e Mary Philbin — Universal Studios, Universal City, California.

Mary Hay — Broadhurst Theater, West Forty-fourth Street, New York City.

Monroe Salisbury — Hollywood Hotel, Hollywood, California.

Jean Paige, Pauline Starke, Earle Vil-



o filme da semana



Parecia bem mais interessante do que realmente foi a programação dos cinemas da Avenida, esta semana. Até os filmes que mais promettiam não gosaram do público aqueles aplausos entusiásticos que fazem a melhor reclamação. *Papaezinho pernillongo*, da First National, criação de Mary Pickford, e uma das produções do programma Serrador, não conseguiu manter-se no cartaz do Odeon os sete dias classicos dos bons programas. O publico não gostou lá muito do filme de Mary Pickford. Nós estamos com o publico. Nada de mais havia neste trabalho, cuja unica curiosidade seria ver a encantadora ingenua soffrer a deliciosa transição de meni-

na a mulher... Mas isso falhou. Mary resolveu ser o que é. Não foi menina nem mulher... Mary foi a mesma creaturinha de sempre em quasi todos os seus filmes. — Mary choramigas. — A empresa, então, muito intelligentemente fez voltar à sua tela esse notavel Jackie Coogan em *Meu menino*. Os que o já haviam visto voltaram para admirar-o, extraordinario e unico como é grande artista... *Catharina II*, a super-produção allemã exibida no Palais, fez os sete dias dos bons filmes. Com justiça, o filme não é máu... Impetuoso como seria de esperar, essa produção surprehe pela grandiosidade de algumas partes em que se

retrata admiravelmente a vida e o fausto das côrtes russas. E' notavel o trabalho de Lucy Hofflich, que se supõe ser a creadora da famosa *imperatriz*. A maneira por que ella sabe envelhecer impressiona. *Vindicta de cego*, o outro filme "super-produção" da Fox, no Pathé, não deixou de agradar... Pôde ser visto, porém não se recomenda como super-produção.

Sem mais, endaram pelos cinemas da Avenida varias obras de fãncaria... Tivemos o *Kean*, uma "réprise" com o titulo trocado no Central, e uma produção fraca no Parisiense, com Sessue Hayakawa.

Operador n. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 26 DE JUNHO A 2 DE JULHO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS
First National	Odeon . . .	Papaezinho pernillongo (Daddy Long Legs)	Mary Pickford	1919	... 6 ...
Paramount.	Avenida . . .	O que todas as mulheres sabem (What Every Woman Knows)	Lilian Tucker e Lois Wilson	1921	... 5 ...
Paramount.	Avenida . . .	Na cidade do silencio (The City of Silent Men)	Thomas Meighan, Lois Wilson	1921	... 6 ...
Hotkinson . .	Central . . .	Napoleão das finanças (The Spenders)	Clara Adams	Rep.	
Haworth . .	Parisiense . .	Príncipe mendigo (The Beggar Prince)	Sessue Hayakawa e Beatriz La Plante	1920	... 5 ...
Fox	Pathé	O forasteiro (Glean O'Dawn)	John Gilbert	1922	... 4 ...
(*)	Palais	Catharina II	Lucy Hofflich, Reinhold Schunzel, Gertrud de Lasky, Fritz Hortner e outros		... 7 ...
(*)	Palais	Kean	Carola Toelle e Henrique George		... 4 ...
First National	Odeon	Meu menino (My Boy)	Jackie Coogan	1922	Rep.
Realart . . .	Parisiense . .	Filhas imprudentes (Sheltered Daughters)	Justine Johnstone	1921	... 5 ...
Fox	Pathé	Vindicta de cego (Footfalls)	Tyrone Power e Stelle Taylor	1921	... 6 ...
As. Producers	Central . . .	A boneca quebrada (A Broken Doll)	Monte Blue e Mary Thurman	1921	... 5 ...

(*) Não consta do programma.

Imms, Alice Calhoun, Larry Seaton, Edith Johnson, William Duncan e Betty Ross Clarke — Vitagraph Studios, Talmadge Avenue, Hollywood, California.

Irene Castle — W. W. Hodkinson Corporation, 460 Fifth Avenue, New York City.

Mae Murray e Monte Blue — Tiffany Productions, Loew Theater Building, New York City.

Doris May, Wallace Mac Donald, Sessue Hayakawa, Harry Carey e Teuru Aoki — R. C. Studios, 780 Gower Street, Hollywood, California.

Pearl White, Lucy Fox, Charles Hutchison, Marguerite Clayton e George B. Seltz — Pathé Exchange, 25 West Forty-fifth Street, New York City.

Percy Marmont, John e Lionel Barrymore, Louis Bennison e Earle Metcalfe — Lamb's Club, New York City.

Douglas Fairbanks, Enid Bennett, Mary e Jack Pickford — Pickford-Fairbanks Studios, Hollywood, California.

Bull Montana, Marshall Nolan e Wesley Barry — Hollywood Studios Hollywood, California.

Carol Dempster, Joseph Schildkraut, Lillian e Dorothy Gish, Creighton Hale e Sidney Herbert — Griffith Studios, Orienta Point, Mamaroneck, New York.

A MÃO SINISTRA



Da segunda edição feita dos primeiros fasciculos do sensacional cine-romance de Eduardo Victorino sobram alguns exemplares, que podem ser adquiridos sem augmento de preço.

Mabel Normand, Ben Turpin, Phyllis Haver e Kathryn McGuire — Mack Senneit Studios, Edendale, California.

Mildred Harris — Care of Loew Vau-deville Circuit, New York City.

Harold Lloyd, Ruth Roland Mildred

Davis, Marie Mosquini, Gaylord Lloyd e Snub Pollard — Hal Roach Studios, Culver City, California.

Neal Hart — Care of William Steiner Productions, San Antonio, Texas.

Wilma Wild — Care of Betzwood Film Company, Betzwood, Pennsylvania.

Charles Ray, Albert Ray e Jacqueline Logan — Charles Ray Studios, Fleming Street, Los Angeles, California.

♦ ♦ ♦

Max Linder partiu para a França recentemente, em gozo de férias, devendo voltar a Los Angeles dentro de sessenta dias.

♦ ♦ ♦

Mae Busch e Richard Dix partiram para a Inglaterra, em companhia de Maurice Tourneur. Vão posar "O Apostolo", de Hall Caine, para a Goldwyn.

♦ ♦ ♦

Trabalham actualmente em cinematographia em Los Angeles somente, entre artistas, extras, directores de scena, operadores e operarios dos studios, 20.000 pessoas.

Dar a todos...

JENNY

TANGO — AUGUSTO P. BERTO

Dedicado à sympathica senhorita Jenny Nelson

REPERTÓRIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A orchestra Pickmann oferece os seus serviços artisticos para balles, chás, danças, etc. Rua Tovarcs Bastos, 8 — Telen. Belra Mar 239



LEITURA PARA TODOS



Magazine mensal ilustrado, acha-se á venda o 36º numero do corrente mez com um magnifico texto e artisticas gravuras. — Venda avulsa na Capital; 1\$500; nos Estados: 1\$700.



Graphia

ARANHA AZUL (Parahyba do Norte) — A sua letra mostra uma personalidade decidida, comquanto sob apparencias delicadas. Tem um espirito muito sonhador, mas depressa se desvaneca para não herdar os proveitos que a realidade lhe possa dar. E' methodica e minuciosa no seu viver e na sua curiosidade. Sua vontade é muito subtil, mas pertinaz e insinuante. E' orgulhosa, mas sem affrontar ninguem com o seu orgulho, e a respeito de dotes cordões tem apenas o necessario para não passar por muito egoista.

YORT (Bello Horizonte) — O traço mais evidente é o dos instinctos sensuaes. Tem-n'os fortes e permanentes. Tomam-lhe grande parte da sua vida. A elles sacrificia alguns interesses. O outro signal notavel é o da dissimulação. E' quasi o seu estado permanente: dissimular. Por dissimulação é expansivo, pois o traço do seu temperamento é melancolico, subordinado a um espirito frio e desconfiado. Apesar disso é muito idealista, comquanto sem elevada orientação. Felizmente, não lhe falta bondade cordial, com que conquistou grandes sympathias. Ainda um traço característico: Muito amor ao dinheiro.

DALVA (S. Paulo) — O que notamos na sua graphia é o indicio de um espirito forte, prompto sempre para a luta, e com excellentes qualidades para vencer. Ha mesmo uma certa audacia no seu feitiço espirital e acompanhada de notavel força de vontade, pouco amiga de recuar. Tem consciencia dessa força, e dahi uma certa vaidade. E' bastante ambiciosa, não, porém, de proveitos materiais. Gosta da ordem, da disciplina e tem um excellentes gosto artistico.

CLARO ESCURO (Rio) — Não pôde ser. Escreveu a lapis e apenas assignou "opticamente"...

GANALADIA (Petropolis) — Não se pôde ajuizar da sua graphia. Está evidentemente alterada, procurando illudir ou desmentir qualquer exame. Se não é verdade o que supponho, trata-se então de uma pessoa perigosamente enferma...

PANTHÉA (Esperança) — Natureza um tanto sonhadora, mas com grandes ideaes. E' provavel mesmo que o seu sonho não passe de um almejar constante pelas venturas de um lar domestico, onde, certamente, será um espirito de ordem, aliado a um coração amoroso. Tem o signal das almas sãs, votadas ao bem e capazes de todos os sacrificios. Ao mesmo tempo mostra uma grande distincção de maneiras, propria de pessoas de fina educação.

ROMECK (Taubaté) — Com a sua graphia nervosa mal se percebem os indícios de um grande coração, torturado por enormissima dor... Todavia, o seu espirito forte e muito esclarecido está resistindo bem á provação moral. Sente-se-lhes que a vontade periclitou, apesar de forte, mas ainda tem grandes energias. Também se nota o vestigio de uma alma poetica, outr'ora em plena actividade. No mais, reina a confusão, pelo desordenamento do estado physico.

GENSERICO (Rio) — Faça favor de escrever em papel liso.

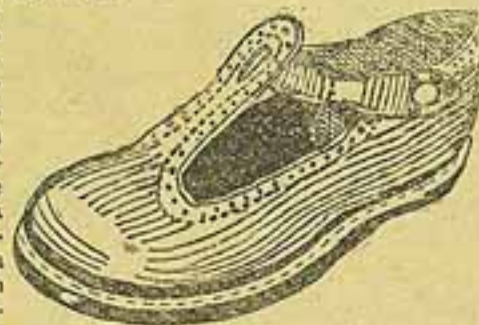
VICENTE DE CASTRO (Maceió) — Orgulho, audacia e força de vontade — eis tres grandes caracteristicas do seu temperamento. E são de molde a absor-

ver os traços secundarios. Todavia, consegue sobresahir o da vibratilidade do espirito e o da cohera. E' realmente expansivo e tem impetus colericos, quando contrariado em seus desejos obstinados de grande ambição. Não é, porém, totalmente um materialista: gosta de sonhar algo e chega mesmo a requintes idealistas.

CASA GUIOMAR

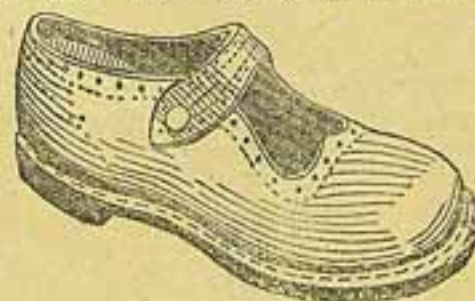
CALÇADO DADO
Avenida Passos, 120
(Proximo á rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica, pôde assim vender todos os seus productos de calçados, desde as alpercatas ao Luiz XV, mais barato que em qualquer casa 50 %.



MODELO NILDA

de 17 a 26	4\$000
" 27 " 32	5\$000
" 33 " 40	6\$500



MODELO NORAH

de 17 a 26	4\$500
" 27 " 32	5\$500
" 33 " 40	7\$500

Pelo Correio mais 1\$500 por par.

Remettem-se catalogos illustrados, gratis, para o interior, a quem os solicitar.

Pedidos a **JULIO DE SOUZA**

quando inteiramente isolado. E' um tanto desconfiado, mas tem muita bondade cordial.

CARMEN (Recife) — Tem uma natureza muito sympathica, cheia de attractivos espirituales. E' extremamente amavel e tem um querer formidavel, muito auxiliado por um grande poder de analyse sobre todas as pessoas que se lhe approxi-

nam. Suas observações são sempre justas e attrahentes pelo brilho. Adora o con-fortavel e por elle é que alimenta um grande amor á pecunia. E' espiritualmente, mas sem perder uma certa gravidade que muito a distingue.

O SONSO (Crato) — O que dizemos ao senhor? Dizemos que é um moço de natureza exuberante, mas cheio de caprichos, alguns muito exquisitos, que se destacam ás vezes com algum escandalo... Parece um sonhador, mas no fundo só tem ambição do dinheiro. Tem uma grande confiança na sorte e por isso descuida-se muito de outros meios de angariar a vida. Isso, porém, dá-lhe uma certa "philosophia" em face de contratempos: aguarda com paciencia melhores dias. A mais não chega a sua vontade, quasi inteiramente passiva. O seu coração é perfeitamente indifferente ao infortunio alheio.

JIM Z. (S. Paulo) — Instinctos sensuaes fortes, mas impermanentes, dando lugar a largos haustos de idealismo. Muito exigente em quasi tudo, difficilmente se contenta com aquillo que o seu meio e as suas posses lhe dão. Ambiciosa cousas altas, mas não tem a vontade educada para as conseguir. Parece fadado a um eterno descontentamento, eivado de momentos colericos, se não moderar a ambição e também a vaidade.

MERELLO (Araraquara) — Espirito activo, sobrio e bem orientado: Não obstante é também muito vibrante, pois interessa-se por todos os assumptos e sobre elles não esconde sua opinião. Tem uma grande ligação de idéas, mas nem por isso deixa de ser um tanto sonhador. Sua vontade é discreta, mas de uma grande firmeza: vence pela constancia. E á rectidão do espirito allia grande bondade de coração.

MARKLEY (Santos) — O seu caracter é bom. Recto e franco. O seu espirito é um pouco frio, em contradição com a sua natureza physica, que apparece plena de instinctos luxuriosos. Tem o genio calmo e complacente, mas nem por isso consente que abusem dessa feição bondosa. Resiste bem ás adversidades, e possui um senso esthetico muito distincto.

BIRD'S LOVE (Sebastianopolis) — Por que não assignaste o nome legal? Só com o pseudonymo, não é possível.

WANDA HAWLEY (Santos) — Natureza exuberante, muito expansiva e muito imaginosa. Também é forte em instinctos, de sorte que a sua individualidade participa amplamente do idealismo e do materialismo. Seu espirito não tem grande vibração, mas está longe de ser insensível. Muito recto e activo é que elle é. Poderosa a sua vontade, comquanto ás vezes tenha falhas de iniciativa. Mas quando quer vae mesmo até o fim. E' pouco generosa de coração.

BUFFALO BILL (Santos) — O signal mais evidente na sua graphia é o do predomínio dos instinctos sensuaes. Segue-se o da força e teimosia nos desejos. Da ascendencia desses dois traços resulta a imponderação do espirito. Este é arrebatado á tolerancia do despotismo materialista. Ha consciencia dessa fraqueza e por isso ha dissimulação para a encobrir. O coração é excellentes, apesar de um tanto desconfiado.

VALESKY (Livramento) — Não se pôde dizer que não tem bellas qualidades. Por exemplo: a pertinacia na vontade, a vibração no espirito e a bondade cordial. Mas é por demais desconfiada. Esse defeito prejudica o julgamento que se podia fazer da sua personalidade. Constrange e irrita. Por que será?

CASA COLOMBO

GRANDES ARMAZENS

Calçados :

Novos Estylos

PARA

Senhoras

Homens e

Creanças



CASA COLOMBO

A beleza sempre atrai

Meio facil, simples, ao al-
cance de todos

Conservar a beleza das que são
bonitas

Tornar mais formosas as que já
possuem os attractivos
da belleza

Corrigir todos os defeitos e
doenças da cutis, impedindo que
se julgue feia quem quer
que seja

Enviando-nos o endereço para a indica-
ção abaixo, remetteremos immediatamente
e absolutamente gratis um livrinho — A
ARTE DA BELLEZA — no qual encon-
trareis os modernos, praticos, simples e ef-
ficazes conselhos sobre a hygiene e em-
belhecimento da cutis e cabellos, prescri-
ptos pelos mais eminentes especialistas
dessa materia nos E. Unidos da America
do Norte e na Europa.

Recuperou a
beleza da cutis

Sr. Representante da American Beauty
Academy N. Y. City, 1748, Melville Av.
U. S. A.

Com verdadeiro prazer, communico-lhe
e autoriso a fazer publico que, desgostosa
durante annos, com a minha cutis cheia de
espinhas e manchas, pelle aspera, empi-
gens, tudo usando, sem resultado, para re-
cuperar uma boa cutis, tive a felicidade
de achar no seu CREME POLLAH (sem
gordura) a minha feliz cura; vendo des-
apparecer manchas, espinhas, empigens, fi-
cando em pouco tempo com uma cutis li-
sa, clara, como nunca pensel voltar a pos-
suir.

Certa de que o POLLAH é actualmente
unico producto que pôde produzir taes re-
sultados, agradeço-lhe minha cura e mais
uma vez autoriso-lhe a fazer a publicação
desta. — MELIE AVERGA DE GREEN
(S. Paulo).

Farinha "POLLAH"

(A MENDOAS)

Para o rosto, braços e mãos

O uso do sabonete é bastante prejudicial. O que succede aos tecidos de lã, que, ao
contacto da agua com sabão enrugam e arrepiam, succede á cutis que perde a maciez
com o uso constante do sabonete.

O sabonete, antigamente, era pouco usado e ainda hoje, as orientaes possuem as
cutis mais bellas do mundo, porque não as estragam com alcalis e gorduras, materias
primas de qualquer sabão.

A FARINHA "POLLAH" é inegalavel. Limpa perfeitamente a cutis e evita os es-
tragos produzidos pelos sabonetes.

—) :: (—

Na Casa Crashley & C. — Ouvidor, 58, e nas principaes perfumarias do Brasil.

Córtte este "coupon" e remetta aos Srs. Repres. da American Beauty Academy. — Rua
1º de Março, 151, Sob. — Rio de Janeiro.

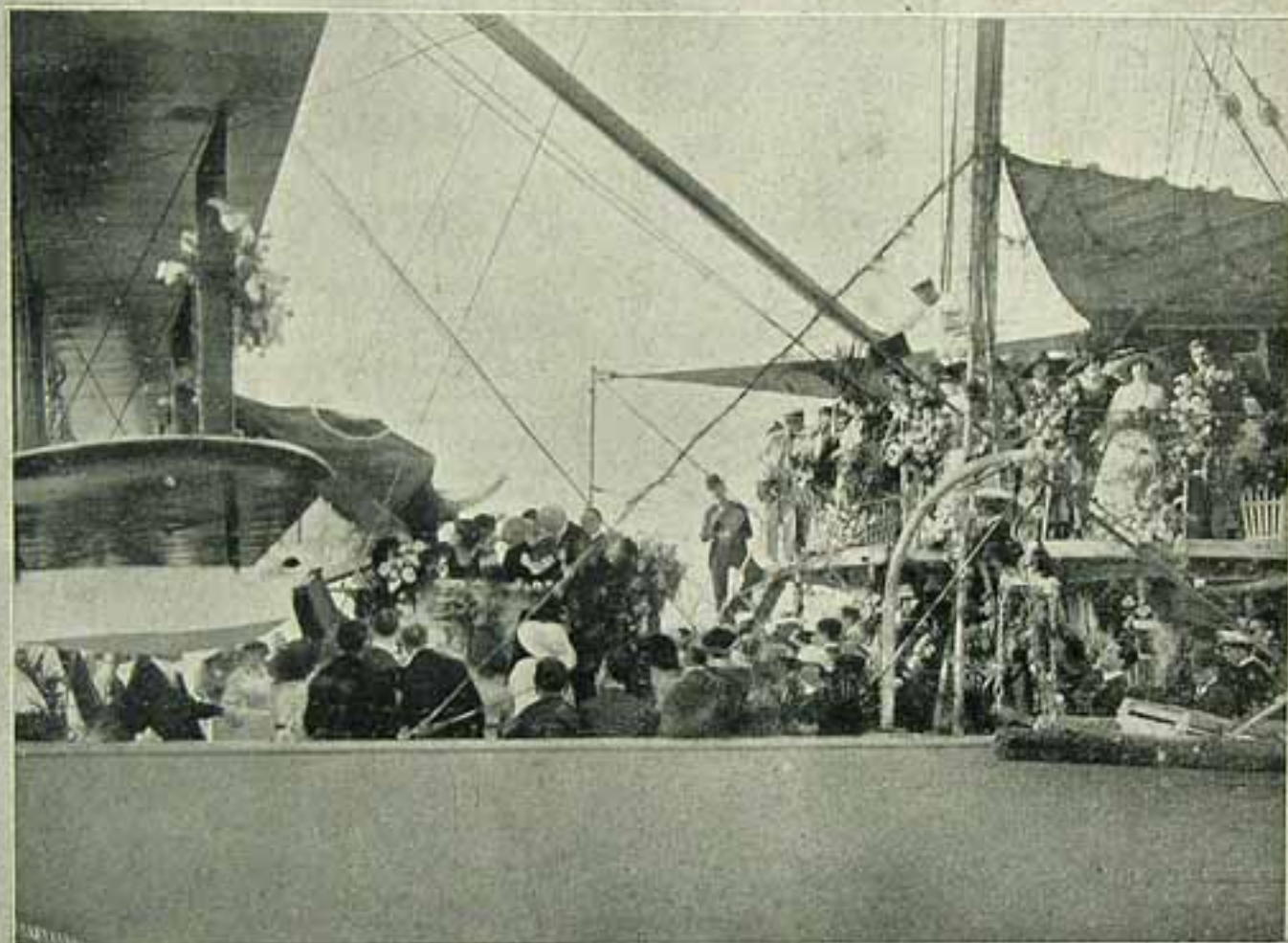
(PARA TODOS...)

NOME RUA
CIDADE ESTADO

Paratodos...

ANNO IV — NUM. 186

RIO DE JANEIRO, 8 DE JULHO DE 1922



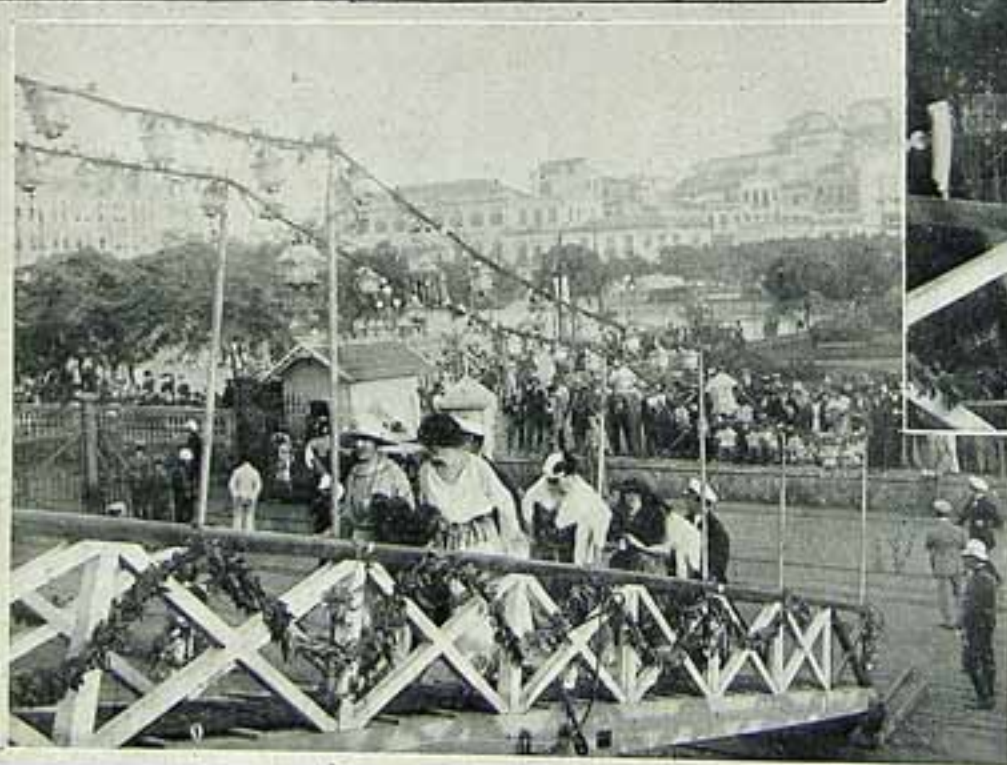
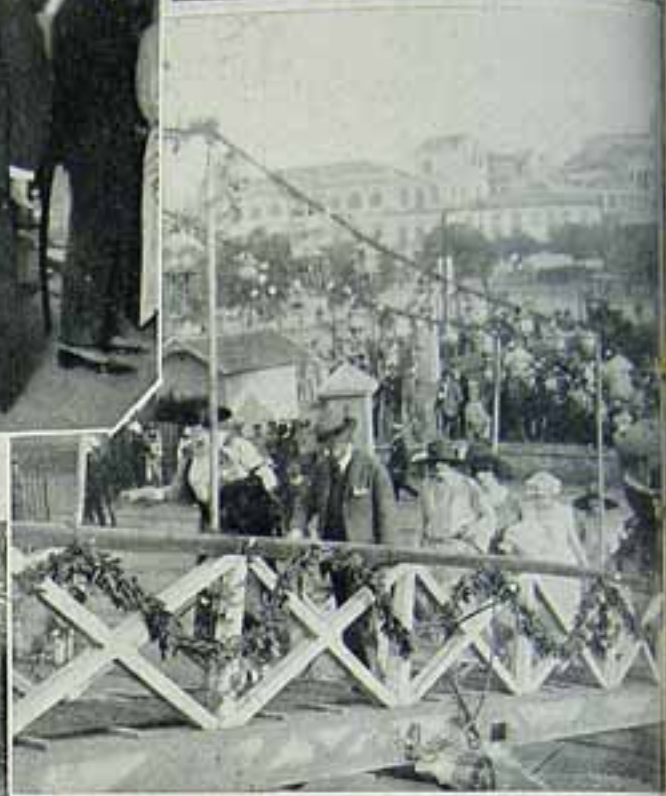
A CERIMONIA DO BAPTISMO DO AVIÃO EM QUE CHEGARAM AO RIO OS SRS. CONTRA-ALMIRANTE GAGO COUTINHO E CAPITÃO DE FRAGATA SACADURA CABRAL.

A BORDO DO CRUZADOR PORTUGUEZ "CARVALHO ARAUJO", ATRACADO AO CAES DA PRAÇA MAUA, REALIZOU-SE, NO DIA 28, O BAPTISMO DO "FAIREY 17", QUE RECEBEU O NOME DE "SANTA CRUZ". FOI UMA CERIMONIA SINGELA E TOCANTE. O VASO DE GUERRA ESTAVA TODO ORNAMENTADO DE FLORES, E O APPARELHO, A' POPA, APPARECIA ENVOLTO NAS BANDEIRAS DE PORTUGAL E DO BRASIL. QUANDO A SENHORA EPITACIO PESSOA, MADRINHA CONVIDADA PELOS HEROICOS AVIADORES, ENTORNOU A SYMBOLICA TAÇA DE CHAMPAGNE NA PROA DA NAVE AEREA, UMA CHUVA DE PETALAS DE ROSAS CAHIU E PALMAS VIBRANTES SALVARAM O GESTO LINDO. — O COMMANDANTE SACADURA CABRAL, ANTES DO BAPTISMO, FEZ UM RAPIDO DISCURSO, ENALTECENDO O CARACTER DAQUELLA SOLEMNIDADE E AGRADECEU COMOVIDO A PRESENÇA DAS SENHORAS BRASILEIRAS, QUE ABRILHANTARAM O ACTO, ESPECIALMENTE A' SRA. EPITACIO PESSOA, QUE NÃO PODERIA DE MELHOR MODO HONRAR OS PILOTOS DO "SANTA CRUZ".

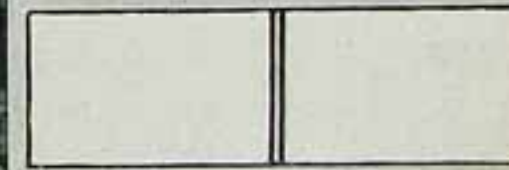
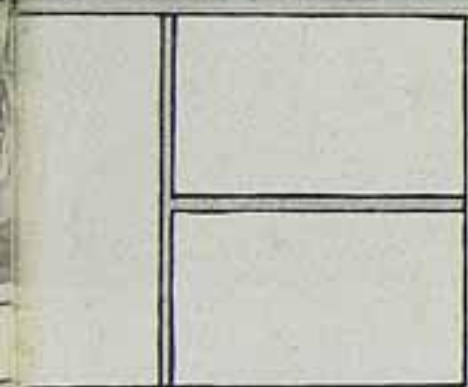








PORTUGAL-BRASIL — Instantaneos da
dores luzitanos, a bordo do encouraçado *Mina*
essa linda festa compareceram as mais
O almoço da colonia hespanhola a Gage
são que organizou a recepção em Nictheroy
Portuguez. — Os officiaes do *Republica*
sita á Beneficencia Portuguez.



atínée oferecida pela Marinha aos avia-
jeres, quinta-feira da semana passada. A
stinetas famílias do alto mundo carioca.—
outinho e Sacadura Cabral. — A comm-
O grande baile do Club Gymnastic
trvalho Araujo, nossos hospedes, em vi-
A partida para São Paulo.

CINEMA PARA TODOS...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDATOR-CHEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO, 8 DE JULHO DE 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

WILLIAM SHAKESPEARE HART é o cow-boy da Paramount — dizem todos. Entretanto não foi somente em papéis do Oeste que este magnifico artista se notabilizou. Ainda ha poucos dias nós o vimos em um magnifico trabalho, *O Apito*, interpretando um papel de operário com uma maestria, um *savoir faire* que raros outros artistas da tela poderão apresentar. Impeccavel, quando enverga um traje de rigor em recepções das grandes rodas, W. Hart mostra a versatilidade dos artistas que os norte americanos vão buscar para a interpretação de suas obras cinematographicas. A sua mascara é admiravel: é o artista mais americano, physicamente, de quantos apparecem na tela. Casado recentemente com Winifred Westover.

No proximo numero — POLA NEGRI.

Chronica

Um pouco de estatística (ATRAVEZ DA CENSURA POLICIAL)

No primeira semestre de 1922, conforme o quadro estatístico organizado pelo projecto encarregado da censura cinematographica, Dr. Roberto Etchebarne, foram submettidos á censura no Rio de Janeiro 635 films, com 744.072 metros, sendo 178 em uma parte, 119 em duas, 6 em tres, 2 em quatro, 173 em cinco, 93 em seis, 40 em sete, 8 em oito, 2 em nove e 3 em dez partes, 11 films em serie com 138 episodios e 302 partes.

Importou a Agencia da marca Universal 163 films com 175.860 metros, "vinte e tres por cento" pouco mais ou menos; a Paramount 129 films com 146.908 metros, "dezenove por cento" mais ou menos; a Fox Film 140 films com 94.760 metros, "treze por cento" mais ou menos; Rombauer & C. 48 films com 93.658 metros, "treze por cento" mais ou menos; a Companhia Brasil Cinematographica 34 films com 48.300 metros, "seis por cento" mais ou menos; Marc Ferrez & Filhos 32 films com 43.705 metros, "seis por cento" mais ou menos; C. Bickarck & C. 24 films com 42.557 metros, "seis por cento" mais ou menos; Arieta & C. 13 films com 23.700 metros, "tres por cento" mais ou menos; e os demais com quantidades menos ponderaveis.

Dos 635 films censurados, eram norte americanos 510, ou "oitenta por cento"; allemães 51, ou "oito por cento"; francezes 38, "menos de seis por cento"; italianos 16, ou "dois e meio por cento"; e das demais nacionalidades fracções pouco ponderaveis.

Dos films em um rolo ou parte (caricaturas, comedias, jornaes, etc.), cabem á Universal 51, á Fox 81, á Paramount 26, á Brasil Cinematographica 9, á Marc Ferrez 9; em dois rolos: Universal 55, Paramount 23, Fox 15, Marc Ferrez 9, Vital Ramoz de Castro 8, Amelio Bocchino 3, etc.; em tres rolos: Rombauer & C. 4; em quatro rolos: Rombauer & C. 2; em cinco rolos: Paramount 46, Universal 38, Fox 33, Rombauer 23, Brasil Cinematographica 11, Bickarck 6, C. Darlot 5, etc.; em seis rolos: Paramount 19, Rombauer 15, Universal 10, Marc Ferrez 9, A. Bocchino 8, Brasil Cinematographica 7, Bickarck 6, Arieta & C. 5, etc.; em sete rolos: Paramount 14, Bickarck 10, Arieta & C. 6, Fox Film e Brasil Cinematographica 3 cada uma; em oito rolos: Universal e Fox 2 cada uma, Arieta & C., Paramount, Bickarck e

Brasil Cinematographica 1 cada uma; em nove rolos: Fox Film e Ildefonso Leitão 1 cada um; em dez rolos: Fox Film 2 e Agencia Ideal 1.

As series foram 11 em 138 episodios e 302 rolos; da Universal 5 com 76 episodios e 153 rolos; Rombauer & C. 2 com 22 e 56; Brasil Cinematographica 1 com 12 e 5; Marc Ferrez 2 com 25 e 52; Camerata e Mascigrande 1 com 3 e 15.

Pelas fabricas: Universal 147, Fox 140, Paramount 129, Pathé N. Y. 29, Goldwyn 18, Ufa 15, Decla-Biscop 11, Eclair 10, Robertson Cole 10, World 9, Gaumont 9, Hodgkinson 7, First National 7, Associated Producers 6, Pathé Consortium Cinema 5, Aubert 5, Terra Film 5, Ecclipsar 5, Carioca 5, Equity 4 e as demais quantidades menores.

Entre os films censurados 36 foram approvados com modificações, sendo 20 americanos, 11 allemães, 3 francezes e 2 italianos, dos 64.033 metros a que attingiam tendo sido cortados 291,5 metros.

Foram declarados improprios para as creanças 20, sendo 9 americanos, 9 allemães e 2 italianos.

Assim dos 510 films provenientes da Norte America 38 "foram modificados e 17 " vedados ás creanças; dos 51 allemães 21 " e 17 " respectivamente; dos francezes 78 " dos italianos 12 " e 12 " respectivamente.

Quanto ás fabricas: Da Universal em 147, quatro foram modificados e um declarado improprio para pessoas de menor idade, isto é, 2,7 " e 0,7 " respectivamente; da Goldwyn em 18, quatro e tres ou 22 " e 16 " da Fox em 140, tres e um ou 2,1 " e 0,7 " da Paramount em 129, dois e um ou 1,5 " e 0,8 " da Equity em 4, dois e um ou 50 " e 25 " da Robertson Cole em 10, dois modificados ou 20 " da Associated Producers em 6, um e um ou 16 " e 16 " da Pathé New York em 29, um modificado ou 3 " da Tiffany-Metro em 1, um e um ou 100 " e 100 " da Ufa em 15, quatro e tres ou 24 " e 20 " da Decla em 11, dois e dois ou 18 " e 18 " da Messier em 1, um e um ou 100 " e 100 " da Terra Film em 5, um ou 20 " da May Film em 2, um e um ou 30 " e 50 " da Eclair em 10, dois ou 20 " da Tiber em 2, um e um ou 30 " e 50 " da Bertini Film em 1, um e um ou 100 " e 100 " e os mais, quantidades pouco ponderaveis.

Soffreram cortes 27 films medindo 46.433 metros, tendo sido supprimidos 291,50 metros, ou mais ou menos seis decimos por cento.

OPERADOR.

Gemma, um film posado por Fern Andra, sob a direcção de Robert Wiene o mesmo que fez o discutidissimo *Gabinete do Dr. Caligari*, alcançou successo em Paris, onde os films allemães estão a pouco e pouco se introduzindo. Diz "Scenário": Gemma é um film de uma technica perfeita, inteiramente superior; sem falar na extranha decoração e da atmosfera creada, ha superimpressões empolgantes que seriam titulos de gloria para um Griffith ou para os Scandinauos. Quanto á interpretação, repetimos, é de um conjuncto superior, do qual se destacam maravilhosamente duas silhuetas, a de Fern Andra, mysteriosamente lasciva, amprovemente cruel com seus gestos ondulantes e seus extrannos olhares, e do artista que interpreta Lord Nulo, mascara extraordinaria de expressão. Em resumo, Gemma é uma obra attrahente cujo interesse não enfraquece um só instante e em que tudo, argumento, technica, interpretação se une ptra formar um conjuncto absolutamente notavel".

O film *The Glorious Adventure* (em cores, pelo processo Prizma), do commodore Stuart Blackton a que temos feito já por vezes, varias referencias, agradou francamente em Paris. Ha restricções quanto ao processo, sendo geralmente notada a predominancia dos tons vermelhos.

Detective por amor

(As foias da Sultana)

"Bude"

Film da Goldwyn — Produção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Phoebe Plunkett	Tom Moorg
Olga Karakoff	NAOMI CHILBERS
Patricia Malton	Christine Mayo
Durand	Edwin Wallack
Karakoff	Edwin Stevens
Rosenthal	Lionel Bellmore
Jues	Wilson Hummell
Slater	H. Milton Ross
Helen Crosby	Betty Lindley
Marquize	Florence Deshors
Patsy Pal	Jack Richardson

OPINIÕES DA CRÍTICA

Film muito divertido que agradará a qualquer publico.

Moving Picture World.

Historia mysteriosa com elementos de excitante interesse.

Motion Picture News.

Muito boa diversão.

Exhibitor's Herald.

Sem grandes complicações é a melhor historia policial que conhecemos.

Wid's.

— Poderíamos dar-lhe uma collocação hoje mesmo se o senhor quizesse aceitar um emprego de guarda-livros, Trinta por semana... — disse o homem sentado à secretária.

O robusto mancebo que estava defronte della sacudiu os hombros e fez uma careta de ironia:

— O que? escripturação? São então os homens que se estão occupando disso, por aqui? — interrogou.

— Mas o senhor no seu cartão consignou que antes da guerra era guarda-livros, me parece, — respondeu o outro. — Não era nisso que se occupava antes?

— Sim, antes da guerra, era...

Os olhos escuros, semi-graves e semi-joviaes, francos e honestos, do rapaz, encontraram firmemente os do outro homem, e logo foi a phrase completada:

— Agora, porém sou um homem, e quero ver se arranjo uma occupação de verdadeiro homem, — declarou. — O senhor acha que um homem, depois de ter passado pelo que eu passei, pelo que todos nós passamos, pôde levar a vida sentado a uma secretária, a enfileirar numeros, muito direitinhos, nas columnas de um livro commercial qualquer? Acha que, depois de todas as afflicções graves que tive, vou agora perturbar o meu somno, de ora em quando, a matutar sobre uma pequena differença de dois dollars que encontrei no meu balanço? Acha que eu possa ligar agora alguma importancia a um balanço de caixa? Francamente, acha que eu possa?

— Sim, não são poucos os homens que agora estão encontrando difficuldade em se reajustar ás condições. Deve, com effeito, ser duro. Mas, afinal, as tarefas normaes da vida, as tarefas de todos os dias, estão ali para serem feitas, tal qual estavam antes da guerra. E alguém tem que fazê-las...

— Mas, segundo me foi informado, são as mulheres que se têm occupado nesses trabalhos de escripturação, e até com certo brilho, — respondeu com um sorriso. — Pois, meu amigo, quanto a mim, desejo que

a moça que me substituiu no meu emprego o occupe para sempre. Não haverá porém alguma occupação interessante, viril, ao ar livre, alguma cousa...

— Alguma cousa empolgante, quer o senhor dizer? — disse o mais velho dos dois, sorrindo com uma expressão significativa de que não deixava de sympathisar um pouco com o pretendente. — O senhor não está disposto a mourejar obscuramente em cousa nenhuma. Acaba de ter o mundo inteiro por seu campo de acção, e não tolera a idea de se ver agora confinado num escriptoriozinho de quatro por cinco metros, não é verdade? Muito comprehensível. E porque não vai para uma fazenda? O Governo está actualmente fornecendo terras, e talvez...

— Bem sei, — respondeu impacientemente o moço. — Isso pode muito bem convir a um rapaz que saiba de lavoura, ou queira vir a saber. Mas eu nunca tive a minima inclinação pela terra. Com certeza é melhor carreira do que per guarda-livros; mas, ainda assim, não é este o meu apito.

— Pois então, meu amigo, não sei o que lhe hei de aconselhar. Queira esperar um momento, sim?

Mudou de modos de repente, e levantou-se ao ver entrar um homem de idade, de apparencia distincta, mas muito calmo nas maneiras:

— Podemos porventura ser-lhe uteis em alguma cousa, Sr. Karakoff?

— Desejo tão somente que me forneçam um bom *detective* privado, se porventura souberem onde ha um que esteja disponível: um homem com experiencia do officio, de coragem firme, dotado de discreção, iniciativa e solido criterio.

— Encomenda bem difficil de executar!...

— Reconheço-o, e é por isso que estou aqui. Parece que nenhuma das agencias particulares de *detectives* dispõe de um homem em taes condições. Occorreu-me porém que, entre os muitos rapazes, antigos soldados, que aqui vêm procurar occupação, talvez houvesse um com os requisitos para o emprego...

— Tenho muita pena, meu caro senhor, mas não sei de ninguém que lhe pudesse servir. Se porém apparecer alguma cousa que convenha...

— Perdão-me, senhor, mas porque não me sujeita a uma experiencia? — atalhou o mancebo que estivera antes falando. O gerente da agencia de collocações franziu a testa ameaçadoramente. Karakoff pareceu achar de seu gosto a solicitação, e respondeu cortezmente:

— O senhor foi talvez *detective*, antes de entrar para as fileiras do exercito?

— Não senhor, nunca fui. Creio porém ter lido todas as historias de *detectives* que jámais foram impressas. Quando rapaz, era até meu habito esconder entre as folhas da minha geographia os folhetins que publicavam essas historias. Acabei por sabê-las todas de cór.

Os tres puzeram-se a rir, mas o mais moço proseguiu com maior seriedade:

— Falta-me a pratica, é bem certo, mas ousa dizer que tenho o nervo da profissão, que não me falta criterio, nem discreção. Diga-me o senhor do que se trata, e provavelmente poderei dar conta do recado.

Pelo menos, em nada o prejudicaria que eu me occupasse dos seus interesses até o senhor encontrar outro homem que melhor lhe sirva.

Havia no appello do rapaz uma nota de sinceridade a que fôra difficil resistir. Karakoff franziu a testa um momento, e perscrutou depois o rosto franco e aberto do rapaz. Hesitava elle ainda, quando uma voz soou, por detraz delle:

— Estás prompto, papae?

Voltaram-se os tres homens para uma rapariga loura e alta que acabara de entrar no escriptorio, e que logo articulou uma exclamação:

— Homem esta! Pois não é que me venho encontrar aqui com o capitão Plum-fett? Papae, este é o mancebo de que te falei hontem e a quem devo não haver sido atropellada. Como é que tu e elle se vieram a conhecer?

— Mas então... — respondeu Karakoff, surprehendido. — E' então este o audacioso, o bravo rapaz de quem me falaste? Pois bem, deste modo fica definitiva-



O "detective" e Olga.



Patricia em casa de Durand.



Em casa de Durand.

mente resolvido o assumpto de que falavamos, capitão Plunkett. Foi com certeza o destino que nos approxinou um do outro. Venha connosco no carro, e conversaremos assim mais longamente. Quanto ao senhor, desejo-lhe bons dias, — disse com um cumprimento ao gerente da agencia de collocações. Afinal, bem vê que sempre me forneceu um homem como eu queria!

Na rua, esperava-os um automovel. Karakoff e o capitão Plunkett tomaram lugar no assento de traz, e a rapariga, Olga, depois de uma breve ordem ao "chauffeur", tomou conta do volante. Partiram sem demora. Uma vez transposta a densa aglomeração de trafego nas ruas centrais, atravessaram uma longa ponte por sobre um rio em que as luzes começavam a rasgar o acinzentado das margens. Depois, uma curva rapida, e começaram então a deslizar por estradas duras e macias em direcção ao sol que, por entre nuvens de ouro e escarlate, descia sobre uma hachia de um azul profundo. Karakoff nada mais disse sobre a sua missão e pouco mais sobre qualquer outra coisa. O capitão conservava-se também silencioso, embebendo-se da belleza da paisagem, do progredir aveludado do carro, dos encantos da cabeça maravilhosamente equilibrada da rapariga que empunhava o volante.

Penetraram depois pelo portão de uma bella propriedade e pararam á entrada, onde um formidável cão de lobo da Russia



Essas joias todas sobre a cama...



O desastre.



Indagando das joias.

lhes dispensou um grave acolhimento, abrindo caminho pela escada acima, em direcção a uma varanda aberta. Uma criada accendia as velas numa mesa de jantar, já posta para dois: — Ponha mais um talher, Selma, — ordenou Karakoff; — temos um convidado.

Ao que a criada respondeu esboçando uma reverencia, antes que se adeantasse em procura da necessaria louça e prataria.

Durante a refeição, Plunkett conversou com o pae, mas os seus olhos mal podiam chegar para a rapariga cujo cabello reluzente, cujo adoravel colorido, mais se destacavam á luz suave dos candelabros. Falava de vez em quando, e a sua voz era de timbre baixo e rico, como um suave hinhalar de sinos.

Terminado o jantar, Karakoff abriu caminho para o seu gabinete, e enquanto os dois homens conversavam, a rapariga, na sala de conversação, ao outro lado do hall, não cessou de fazer ouvir velhas canções populares e singelas balladas, ás quaes emprestava de ora em quando o concurso da sua voz.

Quando Plunkett deixou a casa, duas horas depois, o "chauffeur" levou-o a tomar um trem que, em vinte minutos, o conduziu, de esfuziada, á cidade. E em viagem elle recapitulava a extranha situação em que agora se encontrava.

— O brilhante "Sultana" foi roubado a uma senhora franceza por um grupo de officiaes allemães, e está sendo agora contrabandeado, atravez o Atlantico, com uma quantidade de outros thesouros, também roubados. Cabe-me, a mim, apanhar toda a partida, se possivel, mas especialmente o brilhante! Boa empreza!... — disse á guiza de recapitulação. — Pouco importa! Tenho que dar boa conta de mim, senão perco o emprego e a rapariga! — conclusão essa eloquentemente demonstrativa do vinco profundo que a belleza de Olga havia deixado no coração do mancebo!

— A primeira coisa a fazer é informar-me bem dos vapores que devem entrar esta noite, — disse de si para si, ao deixar o trem. Atravessou a estação, e dirigiu-se a um balcão, a obter informações. Já se retirava para partir, quando os seus olhos se fixaram numa rapariga de olhos escuros, primorosamente vestida. Plunkett teve um vaga impressão de que a conhecia e por isso hesitou, intrigado, um momento até ella falar:

— O senhor é o capitão Plunkett, não é verdade? Bem me tinha parecido. Encontrámo-nos a semana passada em casa de Julie Grant. Vejo que já se tinha esquecido de mim...

— Não, não tinha, — apressou-se o mancebo em responder — mas assim, no primeiro momento, não consegui recordar-me do lugar em que nos havíamos encontrado.

— O senhor é amigo de Julie, e elle já teve occasião de me dizer o quanto o seu coração é bondoso.

Fallava com um leve accento francez, quasi imperceptivel.

— E' curioso que justamente agora, que eu tanto precisava de auxilio, levantasse os olhos e o encontrasse, ao senhor! Dir-se-hia que a Providencia desta fórma me quer significar que posso ter confiança na sua pessoa.

— Se eu lhe puder ser de algum auxilio, não tem mais do que dizer, n'iss...

— Miss Melton, Patricia Melton... — accrescentou. — Sei bem que se o de sempre confiar num official americano, e por isso lhe vou dizer. Tinha mesmo que dizer fosse a quem fosse o meu embaraço, pois de todo o modo, o meu plano, eu não o posso effectuar sózinha.

Circumvagou os olhos para se certificar

de que não havia, ali perto, ninguém que os pudesse ouvir, e falou por fim:

— Pertence ao Serviço Secreto Francez, capitão Plunkett. Ha muitos dias que aguardava as minhas instrucções. Chegaram agora. Dizem que a preza que eu procuro vem num navio que vai entrar esta noite. E' um thesouro em pequenas caixas, amarradas umas ás outras por meio de correntes, e que será arriado por uma escotilha poucos minutos antes de certo navio fundear no porto.

Ora eu tenho que estar no local para apanhar o thesouro antes que lá chegue o bote dos contrabandistas, que está, desde agora, prompto á primeira voz, no ancoradouro.

— Sim senhor! Para uma rapariga, é tarefa um tanto excessiva! — exclamou Plunkett.

— Hoje não ha occupação que intimide uma mulher! — disse e elegante moça. — De todo o modo, porém, tenho que encontrar um homem dotado de discreção e de bravura, que vá connigo. Não se pode facilitar com o brilhante "Sultana"!

Item é que o capitão Plunkett estivesse pratico em affrontar as emergencias, sem que nada se percebesse em sua physionomia. O coração, de facto, batia-lhe tão forte que até lhe parecia impossivel que ella não ouvisse. Conservou-se entretanto senhor de si, e apenas repetiu a phrase com o interesse de uma pessoa surpreendida de ver entregue a uma rapariga tão grave e perigosa missão:

— O brilhante "Sultana"? E' alguma pedra rara e preciosa, não é verdade?

— E' uma pedra enorme e de grande valor. Ah, meu caro capitão, é absolutamente preciso que eu não fracasse! E para isso preciso sem duvida de um homem de coragem!

— Toda a coragem e forças de que eu disponho estão á sua disposição, miss! — declarou. — Sabe onde possamos encontrar uma lancha? Sabe? Bem. Póde-se confiar no machinista? Melhor. A senhora está armada? E a bordo, ha armas? Quer isso dizer que estão feitos todos os preparativos essenciaes. Pois bem: partamos. Eu vou a casa, num instante, vestir-me á paisana. Depois disso, estarei ao seu inteiro dispor.

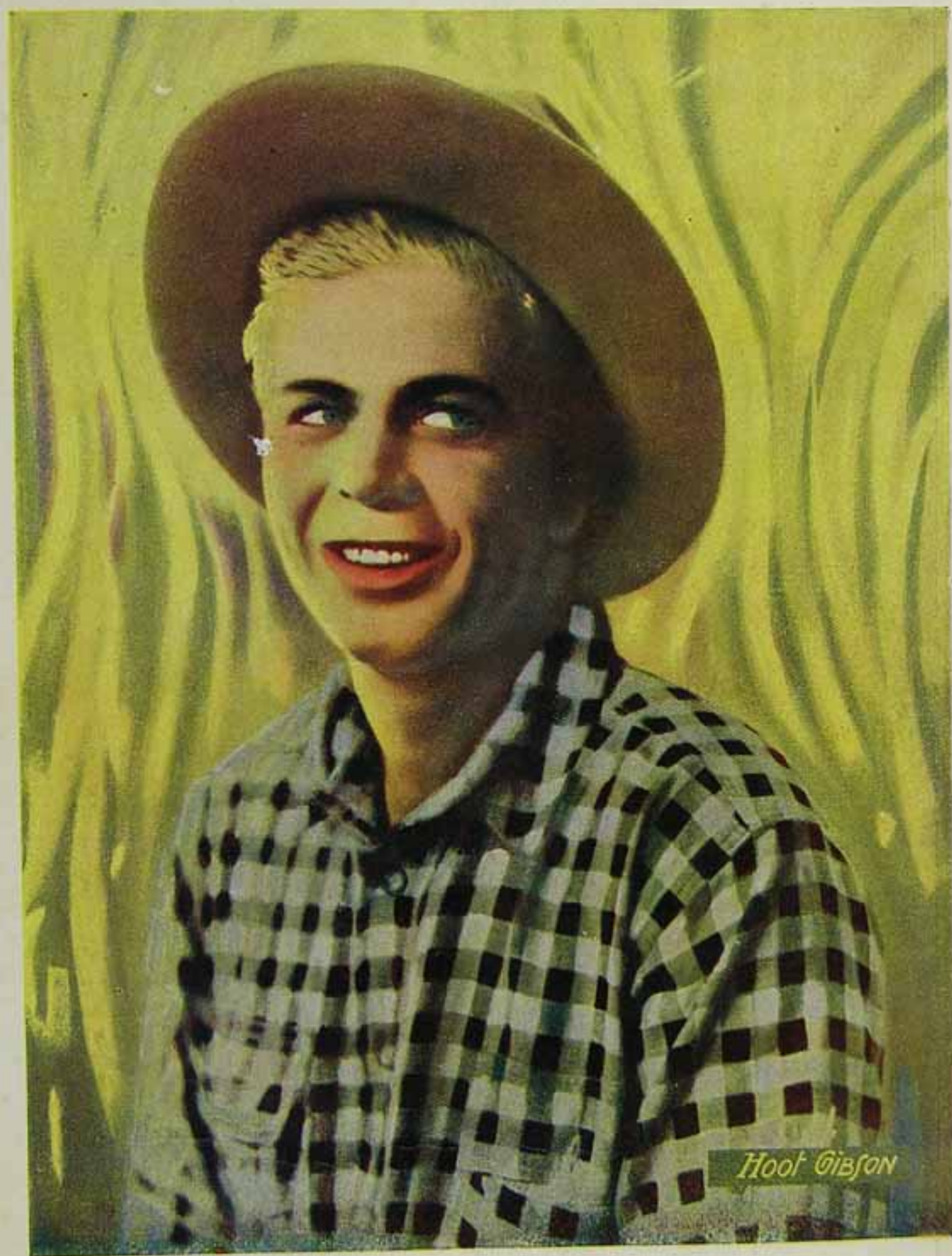
Fôra da estação havia um carro fechado que partiu, mal os dois o tomaram. Dirigiram-se directamente á pensão de Plunkett — uma casa um tanto desaseada, num bairro pobre da cidade — e depois, rasgando ruas estreitas e mal illuminadas, caminharam na direcção da beira d'agua. Ahí, balançava-se na ancora uma lancha. O "chauffeur" largou o volante do carro para pegar immediatamente no da lancha. Silenciosamente, deslizaram os tres por sobre as aguas negras, em direcção ao mar livre.

Estavam felizes, pois não havia luar e viam-se poucas outras embarcações. Proseguindo na sua marcha, foram deixando atraz de si as outras embarcações, e continuaram a deslizar, mar afóra, silenciosos e sozinhos. O homem ao volante parecia comprehender perfeitamente a sua missão. A Plunkett, impaciente como estava, pareceu que tinha atravessado milhas e milhas por sobre aquellas aguas de tinta, quando o outro homem segredou baixinho:

— Além, miss, pelo lado de bombordo! Shiu!

Um navio apparecera de repente, emergindo da treva. Approximaram-se o mais que puderam e fizeram signal com um dos pharões. Depois, com uma felicidade em que mal podiam acreditar, viram avançar um braço por uma escotilha e deixar cair um pequeno objecto escuro, preso a uma corrente que foi arriada até ao lume

(Termina no fim da revista).



Hoot Gibson



PAULINE FREDERICK e seu novo marido, Dr. C. A. Rutherford (o casamento foi em Fevereiro ultimo, em Sant'Anna, California), que é seu primo ainda em segundo grão, tem 45 annos e é um medico conceituadissimo em Los Angeles e Seattle, foram gozar sua lua de mel em Yosemite Valley. Pauline Frederick casou-se pela primeira vez com Frank Andrews, pela se-
gunda com Willard Mack (este acaba de se casar pela quarta vez) e agora é o ter-
ceiro marido que experimenta.

Como se sabe é já publicamos nestas columnas, aproveitando o fechamento dos studios da Metro, Bert Lytell e Viola Dana foram fazer uma excursão por varios Estados da União Americana, apparecendo pessoalmente ao publico nas exhibições dos films daquela empresa. A cidade de Stockton fez um acolhimento particularmente caloroso á estrella, conferindo-lhe o *maire* os direitos de cidadania. A alguém que lhe perguntava as suas impressões disse Viola Dana:

—'Gostei muito de Stockton. Como é linda! E' a cidade dos zimbórios.
Ora, Stockton não tem absolutamente edificios coroados por zimbórios. Viola Dana alludia maliciosamente á magestosa calva das altas autoridades que a receberam tão festivamente.

Publicamos em passado numero um artigo sobre o divorcio de Alice Brady, solicitado ha pouco, depois de inuteis tentativas para chamar o marido ao bom caminho. Agora acaba de ter o seu primeiro filho a bella artista, que continua a trabalhar para a Realart.

John Emerson e Anita Loos, os famosos autores de tantos enredos cinematographicos applaudidos, estão na Europa em villegiatura.

E' no corrente mez de Maio que Norma e Constance Talmadge esperam ser tias. Mrs. Buster Keaton (Nathalia Talmadge) dar-lhes-á esse prazer.



1) Enid Bennet; 2) Vivian Martin; 3) Sessue Hayakawa; 4) Helen Darling.



O MEU PRIMEIRO FILM

Por Dorothy Dalton

Representava eu, ha alguns annos no Theatro Keith e lembrei-me, numa tarde chuvosa, de ir ao cinema. Uma notabilidade feminina representava o principal papel. Observei criticamente o seu trabalho e pensei com os meus botões... "hei de trabalhar para o cinema, custe o que custar".

Conhecia o Sr. Thomas H. Ince, que estava produzindo filma na California, em Culver City. Enviei-lhe um telegramma, informando-o de que partia immediatamente para aquella cidade, afim de me dedicar a cinematographia. O meu contracto theatral expirava dahi a algumas horas. O Sr. Ince respondeu dizendo: "Não venha. Não a posso contractar". Mas eu nunca recebi esse telegramma, porque já estava a caminho da California.

Quando cheguei a Culver City, o Sr. Ince teve uma surpresa. Disse depois, que não me podia contractar, porque não havia nenhuma vaga no studio. Confesso que perdi a coragem naquella occasião; mas depois, em casa, lembrei-me de que todo o principio é difficil e "parafusando" bem sobre o assumpto resolvi ir ao studio todos os dias.

Foi uma resolução feliz. Uma das atrizes adoe-

ceu e ficou impossibilitada de representar um dos principaes papeis do film *The Disciple*, então em producção. O Sr. Ince não podia adiar os trabalhos já principados e, procurando às pressas, encontrou-me no studio. Primeiro mostrou-se surprehendido e depois satisfeito. Tive um palpite que a "Deusa Fortuna" ia bater à minha porta, apesar de saber que essa caprichosa dama nada tem a ver com o nosso porvir.

Fui contractada e o meu primeiro trabalho agradei. Valeu-me de muito a pratica adquirida na scena falada. Mais tarde, no film *The Flame of the Yukon*, fui elevada a categoria de "estrella".

When Knightwood was in flower, novo filma da Cosmopolitan, será posado por Marion Davies (Marie Tudor), Forrest Stanley (Charles Brandon), Lynn Harding (Henry VIII), Charles Gerard, Macey Harlan, Arthur Forrest, Johnny Doolley, William Norris, etc. A direcção é de Robert Vignola.

Enid Bennett e Wallace Beery apparecerão no novo film de Douglas Fairbank, *Robin Hood*. Allan Dwan será o director.



afastar-se ao lado daquella figura dos tulles e das plumas roçagantes; mas nos olhos cubicosos com que lhe acompanharam os passos não brilhou, nem por um instante, um clarão de piedade. Ruth deixou sua mãe no automovel e transpando a alameda, a correr, dirigiu-se ao dormitório. Quando desceu, passado um instante, com o chapéu enterrado na cabeça negra, como quem o puzera sem auxilio de nenhum espelho, ouviu o seu nome pronunciado por alguém:

— Ruth! — supplicou Billy Bolton — Dize-me que tudo isto é mentira! Dize-me, Ruth, que aquella mulher não é tua mãe!

A rapariga fitou-o com firmeza e Billy viu que a scintilla juvenil desertara para sempre daquelles formosos olhos negros:

— Sim, creio que é, Billy — respondeu tranquillamente — Não a via desde os meus quatro annos. Eu não... eu não me lembrava... Agora vejo qual não a razão do meu mysterioso receio... Está bem: adeus, adeus para sempre, não é verdade, Billy? — disse a estender-lhe a mão.

— Ruth: tive-te um grande amor! — Que horror havia naquelle verbo empregado no passado! — Mas... Talvez me julgues um miseravel... Mas não posso! Como poderei eu dar o nome de mãe a... a essa mulher!

Billy acompanhou-a até ao ultimo degrau da escada soluçando; mas, com a sua clara intuição de mulher, Ruth bem percebeu que aquellas lagrimas variavam ao mesmo tempo o sentimento que as causava, e que a dor que elle agora soffria não a affligiria por muito tempo. Descansou pois, a mão sobre a cabeça reluzente com a mesma meiguice, com a mesma comprehensão com que uma mãe affagaria um filho, e despediu-se de novo:

— Adeus, adeus para sempre, bom amigo!

Desappareceu, a correr. Um instante depois, o ronco do motor, accelerando a sua marcha, indicou a Billy que ella partira.

Sentada ao lado daquella mulher, em quem o nome de mãe assentava tão incongruentemente como aquella coma reseca-da, grotescamente juvenil que lhe cobria a cabeça, Ruth Sawyer reflectiu que acabaria de mergulhar nos mais profundos abysmos da humilhação e da dor. Suffocavam-na ondas de Parfait Amour, e a pouco e pouco sentiu as idéas a bailarem no seu cerebro entristecido, e a cara de doninha de João Velludo a apparecer no meio dellas, como um pedaço de cortiça que bailasse á flor do mar. E surpreendeu-se a repetir: "Não poderia haver nada peor... nada peor!"

Duas horas depois, Ruth podia rir de sua ingenuidade infinita, e riu com effeito, desatinadamente, com os seus pulsos frageis a esmurrarem o espelho que lhe mostrava as cores horribes que lhe tinham posto no rosto, a sua figura toda, de hombros e collo nus, num vestido que parecia talhado nas chamas sulphurosas do inferno. A creada, que a despeito da sua hostilidade a obrigara áquelle traje, uma immensa Amazona, com braços que pareciam de aço, arrancara-a ao seu estado de hysticismo, enterrando-lhe na carne as unhas dos pollegares, duras como punhaes!

— Isso nada adianta—dizia sem se alterar a megéria — Todas, todas fazem assim, a principio. Mas depressa se habitua...

Ruth dirigiu-lhe um olhar sereno. Depois, ficou quieta, extranhamente quieta. Tão pouco falou nos momentos subsequentes, ao descer pela escadaria dourada ás salas de recepção, em que se agitavam homens de casaca e mulheres com mascarás pintadas, que sorriam, sim, mas por detrás

das quaes os olhos espiavam, circumspectos e tristes. Uma musica, uma musica que açoitava os nervos nus e os punha em vibração, enchia as salas de sons barbaros, e uma mulher vestida com um simples véu de purpura, dançava... Risos, descompassados, risadas estridentes em volta... E junto della, num vestido despidorado, Dot Belmar, que a examinava dos pés á cabeça, com olhos avaliadores...

— Bem eu tinha adivinhado! — dizia, de olhos esbugalhados. — Belleza é facil comprar-a em qualquer perfumaria, mas uma coisa ha que não se compra: é o *chic*! E tu o tens! Para que o adquirisses, gastei alguns bons milhares de dollars estes quinze annos, mas valeu á pena! E' que eu difficilmente me engano! Deixa chegar Burke Whitlock: quero ver o que elle diz!

Desviou-se, mal á vontade, sob o olhar tranquillo da rapariga. Um instante depois voltava, acompanhando um homem corpulento, que vestia a casaca como a poderia vestir um macacão:

— Ruth ainda está um pouco noviça... mas quero que o senhor e ella se façam bons amigos...

E de repente — nem Ruth saberia dizer como as cousas se passaram — eis-os a sós, numa pequena sala, com aquella massa bruta de carne que a olhava sob as sobranceiras revoltas de um amarello sujo, e estertorava ruidosamente:

— Vem cá! — grunhiu por fim.

O chefe Whitlock estava acostumado a ver-se obedecer quando falava naquella tom. Ruth adentrou-se tremula, com um sorriso de vago receio...

E então descobriu a inexactidão, a absurda inexactidão da idéa que fizera sobre o peor que lhe podia acontecer...

Salvou-a uma coisa de nada, um gesto insignificante — o labio inferior apertado entre os dentes. Mas a mãe de Burke Whitlock que morrera ha cincoenta e cinco annos, deixando o filho com cinco, tinha o mesmo systema. E Burke lembrou-se. Tanto assim que soltou Ruth, e recuando, murmurou:

— Ué! você não é daquellas que Dor Belmar costuma recrutar cá para casa! — disse com grande surpresa. — As que para aqui vêm, ou lutam, ou praguejam, ou desatam a rir. Você é diferente!

E ali de pé, cingida por aquelle vestido sensual, Ruth elevou o seu rosto de freira para aquelle individuo que os jornaes chamavam o mais corrupto e poderoso politico da cidade, e contou-lhe, com a maior simplicidade, toda a sua historia, não sem que uma vez se lhe taldasse a voz ao referir a appareição de sua mãe, a quem não via desde criança.

— E é por isso que eu estou aqui! — concluiu. Depois, abeirando-se delle, pegando-lhe nas mãos cabelludas, rebrilhan-temente manicuradas: — Mas o senhor não consentirá que ella me tenha aqui, sim? Foi uma felicidade que esta minha triste aventura fosse com o senhor, em vez de ser com um daquelles outros!

Não, não era claramente um artificio: era simples, nitida e clara confiança nelle e na sua vontade de salvá-la! As ameaças nunca haviam logrado resultado com Burke Whitlock, nem os vituperios, nem os argumentos. Eis que, porém, agora, he apparecia alguém que acreditava nelle, que punha na sua pessoa uma confiança de que elle proprio se considerava indigno.

— Ah, não! Com mil demonios! — respondeu o chefe Whitlock — Não te deixo com aquella mulher, não! E vou te adotar! — Ficou a considerar-a com os olhos coalhados de lagrimas e proseguiu:

— Tal e qual o que eu preciso! Rapariga educada, de bons sentimentos, de bom

gosto! Eu sou uma casca-grossa, mas nenhum mal se poderá succeder, pequena, em quanto eu vivo for!

Ruth, mais tarde, teve occasião de verificar a justeza dessa affirmacão. A arma do poderio daquelle homem não era a espada gentil de um cavalleiro a protegê-la, era um martello-pilão destruidor — arma, afinal, igualmente efficax. Como pupilla de Whitlock, Ruth occupava agora uma posição em que lhe estavam assegurados respeito, fortuna, repouso e oportunidade para esquecer, caso pudesse! Mas aquella noite passada nos salões vermelhos da "Casa da Perdida Esperança" deixara na sua alma uma ferida difficil de sarar. E Ruth sentia o horror de se expor á luz irradiante do sol, que a poderia revelar...

Ao fim do anno, Bob Whitlock resignou a chefia do seu partido. Quanto Ruth para isso contribuiu, nem elle proprio o sabia; mas havia nos olhos do velho como que uma expressão paternal, ao mostrar-lhe os bilhetes de passagem que comprara.

— E agora, se apparecer um titulo a preço razoavel, podes estar certa de que será para ti!

Os bilhetes estavam marcados para o dia seguinte. Com tão precipitada manobra Whitlock conseguiu afastar Ruth, sem que ella viesse a ter conhecimento do julgamento a que Dot Belmar tantas vezes escapára, mas a que fôra por fim chamada, como epilogo de dez annos de prisão, em paga das suas mesas de jogo, dos seus quartos de aluguel, povoados de vapores perfumosos e suggestivos.

Com o apagar-se no horizonte, do enfumado recorte da cidade de Nova York, pareceu a Ruth Sawyer que deixara atraz de si, morto, o seu segredo, e que agora singrava, a plena vela, para a luz clara e ampla de um novo dia. As scenas que depois se seguiram tornaram-lhe nevoenta, fantastica, a recordação de tudo. Tal qual como se houvesse uma noite dormido febrilmente, e sonhasse...

Ao demais, apparecera agora no scenario da sua vida Douglas Courtenay, mensageiro da esperanca que parecia bailar na centella quente dos seus olhos azues-cinzentos. Mesmo no collegio de miss Milburn, Ruth jámais conversara de amor levemente, familiarmente, como faziam as outras. Por isso se encontrava com elle, agora, francamente, como um neophyto poderia encontrar o Milagre: e quando succedia Douglas falar-lhe em fazer della sua esposa, Ruth passava as horas tranquilas e lentas da noite subsequente, tremula e pasma ante a belleza da vida que se lhe abria defronte, como talvez, em outra noite, Maria de Bethania, ao pensar nas palavras do anjo annunciador.

O velho Burke Whitlock permaneceu em Paris depois do casamento de Ruth, muito embora, em segredo, o seu coração plebeu suspirasse, pela 14ª vez, por um bom ensopado á Americana, pelo ardor da batalha que lhe apressava o sangue nas veias, com a leitura dos ataques dos jornaes da opposição. Entretanto, foi ficando na capital franceza. Até terminar o periodo em que David Courtenay devia servir como addido á Embaixada Francaza vagouaria no longo da enfada dos esplendidos boulevards, e se alimentaria dos corinhados complicados que ali são a norma de todos os dias.

— Quem sabe, talvez ella ainda precise de mim! — pensava, com aquelle condão de prescencia que o fizera poderoso no velho mundo. — Tenho idéa de que aquella marido della não é sufficientemente homem para "aguentar firme" se amanhã os ares, por qualquer razão, se entroviscarem!

(Termina no fim da revista).

Amor sagrado e amor profano

"Sacred and Profane Love"

Film da Paramount — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Carlotta Peel . . .	ELSIE FERGUSON
Emílio Diaz . . .	CONRAD NAGEL
Frank Ispenlove . .	THOMAS HOLDING
Tia de Carlota . . .	Helen Dunbar
Mary Ispenlove . . .	Winifred Greenwood
Mrs. Sardis . . .	Claryssa Selwynne
Rebecca . . .	Jane Keckley
Lord Francis Alcar .	Raymond Brathway
Albert Vicary . . .	Howard Gaye

OPINIÕES DA CRÍTICA

Excellente produção em todos os menores detalhes.

Moving Picture World.

A última fita de Elsie Ferguson é muito boa.

Motion Picture News.

E' notável esse film, especialmente para as platéas finas, cultas e selectas.

Exhibitor's Trade Review.

— Será para mim, tão só uma consummação!

Carlota segurava com mão tremula o programma. Era moça demais, poucas vezes entrara em contacto com o mundo da realidade, e não podia ter nenhuma perspectiva de si mesma. Decerto não lhe ocorria que, inconscientemente embora, estava perpetrando uma tirada de melodrama.

Constança Peele, a tia, parecia não ter entendido:

— Uma consummação?! — repetiu, vagamente interrogativa.

No mais remoto dos bem ordenados recessos do seu cerebro talvez pairasse um momento a reflexão de que, na apartada vida de Carlota, nada havia, jámais houvera nada, que pudesse tão depressa consummar-se. Mas, edosa como era, bem intencionada

e docemente affectuosa embora, que sabia ella do que fora até então a vida de Carlota, — a vida interna que, mais tarde ou mais cedo, deste ou daquelle modo, tinha de emergir na vida consciente da donzella e reflectir nessa vida, o seu traço, a sua cor?

A tia Constança Peele, que, solteira, chegara á velhice, sem conhecer ambições, e Carlota Peele, sua sobrinha, a criança orphã que lhe deixara seu irmão ao morrer, tinham vivido, na singeleza e no isolamento, naquella curioso jardim cercado de muros, naquella doce casa, em Bursley, na Inglaterra, os vinte annos da vida de Carlota. Não fallando em algum concerto eventual que a tia ouvia com enfado e a sobrinha com extasi; não falando de um ou outro dos velhos amigos ultra-conservadores que constituíam o seu circulo social, e que ás vezes apparecia á tarde ou á noite para tomar chá, a vida da tia e da sobrinha tinha-se passado ali, no velho jardim familiar, com as flores, entre as flores de Constança Peele.

O encantamento da tia, se é que ainda tinha alguns, encontravam um desfogo natural nas flores do seu bem cuidado jardim. Cada simples flor era um milagre divino aos olhos da tia Constança, um deleite sempre renovado, um illusionador, um infallível encanto! Ella encontrava nas flores a doce bondade dos entes humanos, a sempiternidade de Deus, e gostava de pensar em Carlota, irmanando-a a uma das suas flores. Um dia deu-lhe mesmo uma rosa branca, sem mácula:

— Parece-se contigo, Carlota! — disse com tom quasi severo. E' que a tia Constança não se deixava nunca arrastar a sentimentalismos. Tinha-os por triviaes. Carlota sabia, entretanto, que a tia a amava, que velava por ella com uma paixão toda asctica, unica que ella podia sentir, de que era plenamente capaz.

A tia ignorava, porém, o que Carlota

tinha lido, como pedia, e não sabia sequer que ella escrevia.

A's vezes, bastante vezes, Constança sentia-se culpada. Foi o que lhe aconteceu, mórmente no dia do incidente da rosa branca. Ella sabia que não era uma rosa branca. Seria talvez... um lyrio rajado, um daquelles cereus que florescem pela noite, o que quer que era de palpitante, de vivo. Vivido demais para a tia Constança, que essa, sim, era bem o lyrio do valle, austero, immaculado, remotamente puro. Quanto a Carlota, ella sentia a consciencia de que estava a ponto de se tornar em qualquer coisa de ostensivo e ruído; que toda a sua alma estava eroticamente pintada, irrigada de perfumes fortes; que a toda a hora buscava eliminar de si aquella meiguice oppressiva que sentia pesar sobre toda a sua pessoa — mente, corpo, alma — tudo!

Ella propria não sabia ao certo o que quizeria dizer quando chamára ao concerto de Diaz uma consummação. Era de certo modo uma qualificação tola e a que não precedera nenhuma reflexão. Era esse outro ponto de differenciação entre ella e a tia Constança. Esta sabia sempre bem o que queria dizer. Nos seus processos mentaes não havia complicações de colorido, complicações perturbadoras — deliciosas umas, dolorosas outras. Em Carlota, ao contrario, tudo era Kaleidoscopio. Ella não sabia... ou pelo menos, nem sempre sabia. Ella apenas sentia... mas, sempre com arrebatamento, de modo a vibrar até á ponta dos dedos!

Carlota tinha a paixão da musica, e a tia chegara a recear que houvesse excesso nessa paixão. Tinha mesmo dito que "não lhe parecia bem". Para ella, todos os excessos tinham um sabor de immoralidade, — palavra essa cujas syllabas ella não ouvia articular, mesmo no seu secreto trabalho mental de reflexão. Carlota, quando não se absorvia em Theophilo Gautier, nas poesias de Swinburne ou Baudelaire, evocava ao piano Chopin, sonhadamente, tocando para si mesma, ao crepusculo da tarde, aos primeiros clarões do sol. Adorava Chopin. Sentia-se identificada com elle e com Diaz. — Diaz, o idolo de todas as capitães europeas, o mestre cujos dedos maravilhosos faziam Chopin pronunciar com maior vibração, com maior meiguice, com maior perfeição a sua immorttal mensagem.

Ha mezes que Carlota vinha repetindo a si mesma:

— Ah! se eu pudesse ouvir Diaz tocar, tocar Chopin!

Conseguira um retrato do pianista decantado, e mandara-o enquadrar com uma moldura de preço. Nada dissera á tia, porque sabia que o seu acto, ella immediatamente o censuraria, o qualificaria um excesso, um exaggero. Carlota, em sua consciencia, sabia perfeitamente a differença entre o proprio e o improprio, e futil seria tentar illudir-se a si mesma.

Por isso dissera ha pouco que ouvir Diaz seria para ella uma consummação.

A tia concordou que podiam ir.

Nos proximos tres dias e noites, Carlota tocou Chopin, num verdadeiro arroubo. Leu Swinburne e Rossetti, e passou as noites, em sonho, á sua janella, contemplando numa expectativa arrebatada a argentea cimitarra da lua, a rasgar os oceanos do céu. A vida apparecia-lhe como um mar



A consummação.

palhetado de ouro, e ella ancia a por se lançar aos acasos desse mar, como uma esplendida flor ancia pelo sol quente, muito embora só o perceba á distancia.

Diaz!
O nome delle, tudo quanto esse nome representava, fazia-a estremecer, como se a subjugasse um poder magico, mysterioso, Diaz!

Chegou a almejada noite, mas a tia adoeceu e não podia ir. Carlota aborreceu-se. Mas havia uma amiguinha cuja companhia a tia lhe permitia. Era uma moça recentemente casada. Assim, ella pediu que lhe fosse permitido ir com Ethel. A tia annuiu, mas Ethel não podia ir. Carlota fez então, pela primeira vez, uma coisa mal feita. Disse á tia Constança que Ethel iria com ella e foi sózinha.

A noite estava quente — palpitante. Na sala, regorgitante, subiam as emanações de mil perfumes. Dominava todos os ouvidos a pressão concentrada de uma adulação consciente. A expectativa vestia os seus mais esplendurosos ouropéis.

Diaz!
Carlota tinha encontrado lugar bem á frente, junto de uma cadeira que ninguém occupava. Estava em cabello. Resvalou-lhe o "manteau" dos hombros e os seus sentidos puzeram-se a vibrar. Pensou que fosse a sua alma. E talvez fosse! Sentiu-se disposta, preparada, prompta.

Diaz appareceu. Cumprimentou. Resumbrava a personalidade, — a mais banal e vital de todas as forças. Todo elle era um poder consciente.

Começou a tocar. Maravilhosamente. Cada nota, de per si, era para Carlota, um arrepio. Pareceu-lhe que só vivia então pelos sentidos: aquelles dedos, aquelles dedos portentosos, aquella melodia evocadora, aquella melodia divina, transcendente!

O olhar delle vagueava, vagueava, pousava aqui e ali, casualmente. Deteve-se, porém, de repente. Deteve-se no olhar della. Fitou-o. Reteve-o. Ella tambem lhe recolheu o olhar, por um instante só, mas algo se passára naquelle momento. Algo se passára, sim. Ella falara verdade — a verdade patente, a verdade pura, quando dissera á sua tia que ouvir Diaz seria para ella uma consummação. Porque era isto que ella andara lendo e tocando, e sonhando. Era isto que as flores lhe tinham dito casta ou vehementemente, mas sempre com meiguice. Isto é que era tudo. Sim, tudo. Mesmo o bello ascetismo da tia, mesmo a dedicação incansavel da velha Rebecca... E o crepusculo, e a aurora, e a noite baixa lantejoulada de ouro... Isto, isto é que era tudo!

Diaz terminára. Soaram gritos: "Diaz! Diaz!"

Carlota não gritou, nem o aclamou — pelo menos com a sua voz. Que voz poderia ella ter nessa occasião, senão uma voz cava e quebrada, como a de um luth! Seria profanar aquelles sons ineffaveis que ainda guardava em seus ouvidos, no seu sangue, que sempre guardaria! Uma consummação, sim! Como dissera bem! Como adivinhára justo, mais justo do que jámais e acreditaria a tia! Porque afinal, durante todo o tempo que passára, ella não fizera senão preparar-se para aquelle delicioso momento.

Mas, que se passava? Diaz mandára mudar o piano da sua collocação primitiva. Alguem, a seu lado, explicou que era por causa da acustica.

Carlota fez-se fria de repente. Não, não era por causa da acustica: era porque o musico queria tel-a defronte della!

Sentia-se momentaneamente aturdida. Depois, o seu espirito entrou na orbita do delle, e quando Diaz, com os seus olhos nos della, dentro dos della, começou de novo

a tocar, os labios de Carlota tremeram, abriram-se. Inclinou-se então para a frente, e todo o tempo que o piano ressoou ao contacto daquelles dedos de velludo, os dois se fundiram numa pessoa unica.

Terminou o concerto. Diaz curvava-se de modo a receber os applausos. Agradecia, sorrindo. Parecia joven e distincto. Carlota mal o podia, porém, distinguir, porque velejava ainda pelo mar mysterioso a que a arrastara o seu despertado sonhar. A realidade, por enquanto, era ainda para ella uma coisa remota.

A' sua volta foi dispersando a multidão. Ali a deixaram. Começou a sentir frio, e achegou o "manteau" ao collo gelado. Dirigiu-se depois para a entrada, e ali, de pé, á espera que viesse um carro, deparou-se-lhe Diaz. Não foi, como se poderia julgar, o encontro mortificante de uma rapariguinha ingenua, super-entusiastica, com o mais celebre de todos os pianistas da sua época: é que os dois pousaram ainda naquella mesma singular reciprocidade emocional de ha pouco, e essa identidade de sentir aplainou o embaraço desse primeiro encontro.

— O seu rosto — disse o artista, quasi sem consciencia do que dizia — appareceu-me numa tão maravilhosa aura, em meio á penumbra! Infundiu-me uma nova força! Revelara uma sympathia entre as nossas almas, tão perfeita!...

Carlota estremeceu, num novo arrepio que o frio da noite não poderia explicar:

— Ainda bem, ainda bem!

— Sabe? — proseguiu Diaz — Gostava de tocar para a senhora, só para a senhora! Se lhe fosse possível perder uma hora, tenho um piano no meu hotel... Aceitaria o meu convite?... ou estarei acaso pedindo demais?

Pedindo demais! Isto, dito por Diaz a ella, uma estranha á sua arte, vencida de adoração, uma apostata!

A tia havia infallivelmente de descobrir, havia de agravar-se com certeza. Por que não aceitar pois essa hora ineffavel, e expiar depois amplamente aquella esplendida reflexão de vida que se lhe offerecia? Que virtuosa contemplação lhe podia pagar uma hora como aquella?

E foi com elle.

O quarto do hotel era de um luxo des-

aseado e casquilho; mas bem lhe importava, a ella! Diaz. Diaz lançava a magia, o esplendor da sua pessoa naquelles tapetes encardidos, naquellas cortinas de renda, tezas como papel. E, quando os seus dedos milagrosos perpassaram sobre as teclas, Carlota, que se sentára no rebordo de uma cadeira, estremeceu como estremeceria um junco, açoutado cruelmente, deliciosamente pela arfagem do vento... Abalava-a, toda, um alvoroço singular. Era demais, sim, demais! Era quanto ella podia supportar, — uma emoção que começava a ser superior á sua capacidade sensitiva!

Elle falava-lhe de vez em quando, — da sua belleza, do modo como anciava por uma sympathia como aquella.

— E quando eu ataquei aquelle primeiro accorde, esta noite, tive a impressão de que o arrancara da suavidade do seu rosto! Tão deliciosa era a sympathia que delle me vinha, que eu sabia que encontrara, finalmente, uma fonte inspiradora opulenta e inestancavel...

Lgrimas, lagrimas! Porque não lhe vinham as lagrimas aos olhos? Isso é que ella desejava, isso é que lhe faria bem. Estava nu'a, na sua alma, defronte daquelle homem! E soffria! Soffria a cada nota que elle tocava, a cada palavra que dizia. E notas e palavras a feriam, a cada contacto, brando e cruel ao mesmo tempo! Lagrimas, lagrimas que a curassem, que a alliviassem daquelle deleitoso soffrir. Mas as lagrimas não vinham e Diaz falava de novo, a pedir-lhe que tocasse com elle "Samsão e Dalila"...

— O segundo acto é a mais gloriosa pagina de amor que se tem escripto por musica. Vamos, vamos tocal-o, juntos...

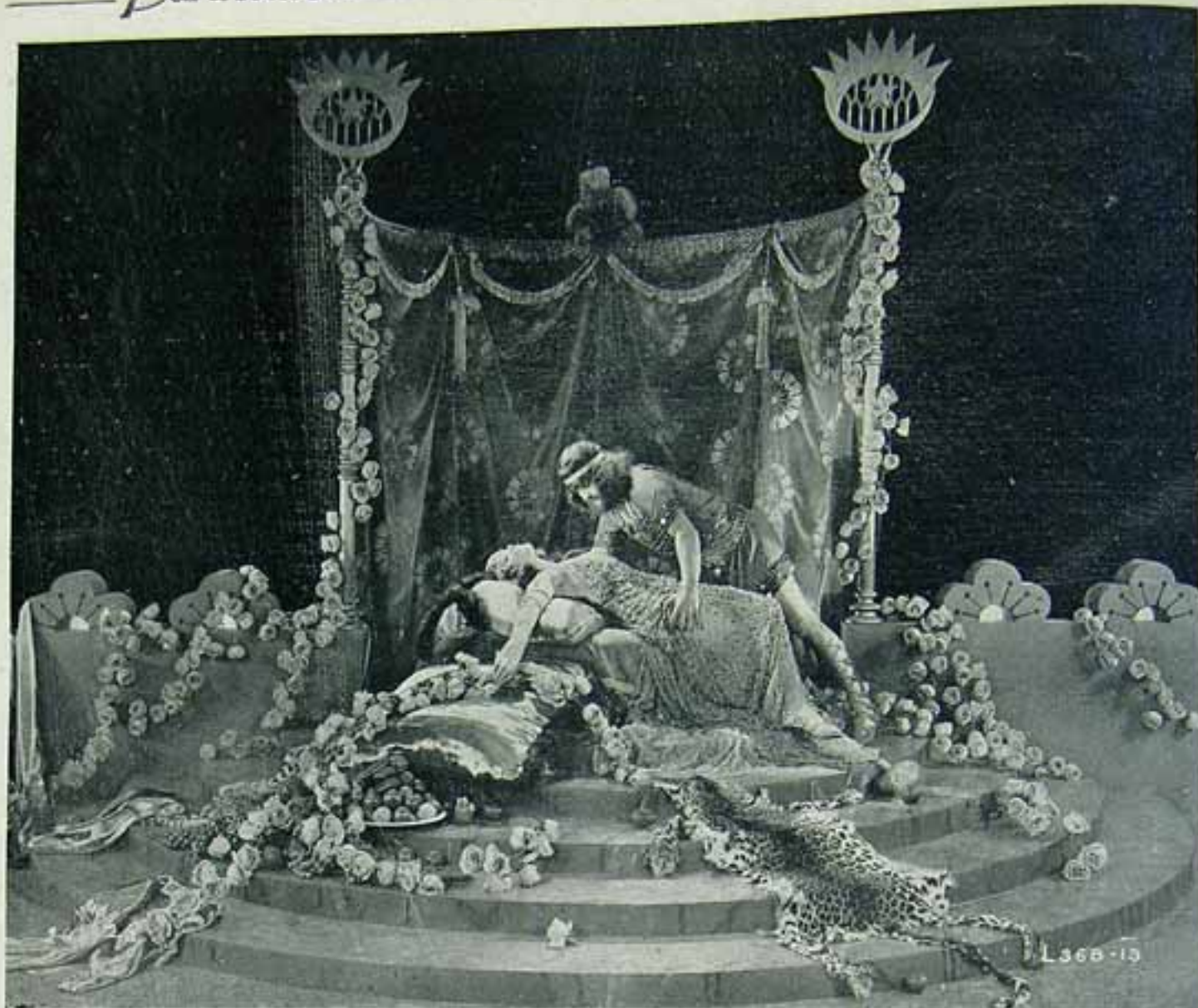
— Tocal-o consigo? Seria impossivel!... O senhor não sabe... Não, não posso, juro-lhe!

— Connigo, sim! Com quem mais? Não tenhas medo, criança. Vem, senta-te junto a mim, e verás. Aqui... Assim. Está bem... Está como deve ser, como tem que ser... Pois não comprehendes, não sentes?

Tocaram os dois... A manga da casaca do artista roçava-lhe o braço nu. E desse contacto, como que nascia um som, um som perfeito... como o da musica!



Sentes que vieste ao mundo para mim...



Sentes que já fomos amantes em idades passadas...

Carlota estremecia toda, vencida por um doce abatimento.

— Não posso, não sei — disse entre lágrimas, que afinal chegaram, argentinas e benditas — não sei o que sinto... Torturada... tremula... tremula de extasi!

— Mas eu sei! — respondia Diaz. — Eu sei o que tu sentes: sentes que vieste ao mundo para mim, como eu para ti; que já fomos amantes, em idades passadas, mas que ainda não morreram; que esta noite é a noite incomparável, a noite nossa, tua e minha; que tu has de perdoar o meu amor, e que eu santificarei o teu! Pois não é assim, pois não é assim, Adoração? Não sei que outro nome te dê, a não ser que tu m'o digas...

O véu que embaciava a vista de Carlota mal lhe permitia distinguil-o; mas, com voz desfallecida, os seus lábios murmuraram a resposta:

— Magdalena! Chama-me Magdalena...

— Magda, então! — repetiu o musico, cingindo-a nos seus braços, nas suas mãos portentosas. — Magda, minha Magda adorada!...

Grisalha a manhã, como grisalham as cinzas que haviam ficado do fogo que ardera durante a noite. Diaz dormia quando, tranquillamente, Carlota partiu. As ruas estavam desertas e frias. Quem diria que a noite fôra quente, de uma quentura confortadora e meiga, com o seu manto de purpura, regamente vestido? Onde estava aquelle seu formoso diadema de estrelas?

Como se affligiria a tia Constança, se soubesse! Mas, não; não havia nunca de saber!

Acolhera-a Rebecca, ao penetrar em casa. Tinha traços de lagrimas nos olhos, e pareceu não perceber a transmutação no rosto de Carlota. Parecia ainda mais feia do que nunca, e mais fiel também. Como pôdia a Fidelidade, com tão formoso nome, encarnar-se tão repulsivamente!

— Ah! miss! — disse num lamento. — A menina não tem mais tia! A tia Constança morreu á noite passada, morreu tranquillamente, como sempre viveu. Deus abençoe a sua alma pura!

Carlota ajoelhou junto da morta, da pobre tia que não lhe ralharia, que não se affligiria, ruidosamente, como era seu costume. Mas, porventura, ignoraria a morte a historia dessa noite?

"Deus lhe abençoe a sua alma pura!" — dissera Rebecca. E dissera bem: — uma alma pura, merecedora de bençãos!

Carlota, ella propria, mandou suspender o véu que lhe cobria o rosto: sim, pura, patheticamente pura — proclamava-o a serenidade daquelle rosto. E nada tendo tido, neste mundo, teria tido porventura tudo?

Junto á cabeceira da tia Constança ficára um embrulho dirigido a Carlota. Era um pequeno livro de folhas pergaminhadas, — a "Imitação de Christo". Na primeira pagina, uma inscripção dedicando-o a Carlota. Era um presente pelos seus vinte e tres annos, completados dahi á dois dias. Carlota ficou a considerar o livro, e sentiu os olhos toldados de lagrimas, —

quão differentes das da noite que passara! Como era bem da tia Constança aquelle presente que ella tinha entre as mãos!

De novo contemplou com recolhimento aquelle rosto de cera, tranquillo, adormecido na paz. E, olhando para a morta, Carlota sentiu o valor d'aquillo que havia dado. Pesar? Ella lá sabia!...

O primeiro romance de Carlota appareceu na primavera, editado pela firma de Ispenlove & Irmão. Chamava-se "A Mofa" e tres quartos d'elle eram tudo quanto Carlota andára pensando, desde que os seus pensamentos, emancipados pelos pensamentos alheios, tinham passado para além dos muros do seu jardim, de Rebecca, da tia Constança e da sua aldeola de Bursley...

Os criticos mostraram-se bondosos para com ella, fizeram-lhe credito de "uma promessa"...

O proprio sr. Ispenlove não lhe escondeu o seu enthusiasmo:

— A senhora tem o tal "que", que não tem nome, e ha de alcançar fama e gloria, garanto-lhe!

— Não sei bem se é gloria e fama o que eu quero! — Carlota respondera. — Creio que é cousa differente...

E o sr. Ispenlove ficára a olhar para ella, curiosamente. Era apenas por Fama e Gloria que anciavam quantas habitualmente o procuravam, sobretudo as raparigas, quando lhe iam levar as suas primeiras novellas. Esta, entretanto... E como

A Jornada da Morte

The Call of the North

Film Paramount — Produção de 1921
Direcção de Joseph Henaffery.

DISTRIBUIÇÃO

Ned Trent	JACK HOLT
Virginia Albret	MADGE BEELAMY
Galano Albret	Noah Beery
Achilles Picard	Francis Mac Donald
Graham Stewart	Edward Martindel
Elodia Albret	Helen Ferguson
Placido	Jack Herbert

OPINIÕES DA CRÍTICA

Uma pintura masculina dos costumes da gente do norte.

Moving Picture World.

Jack Holt muito bom, como estrela nessa excelente produção.

Motion Picture News.

Excelente interpretação de Holt, se bem não gostemos do enredo.

Wid's.

Esplendida produção calcada sobre a novella de Edward White "A casa dos conjurados", uma pittoresca e humana história das terras próximas da baía de Hudson.

Exhibitor's Herald.

"A jornada da morte" é um drama excelente; bem interpretado, lindas photographias e cheio de interesse.

Exhibitor's Trade Review.

Quinhentas milhas ao norte da mais próxima villa, em plena solidão dos desertos gelados do Alto Canadá, erguia-se o Fort Rupert, o mais importante emporio do commercio de pelles daquella região.

Para elle convergiam todos os caçadores dos arredores, e aí daquelle que ousasse commerciar por conta propria as pelles alcançadas pelo seu esforço; com plenos poderes da empresa que representava, Galano Albret, perseguia impiedosamente os pequenos caçadores; bloqueava-os no deserto, privava-os de mantimentos, até que, sentindo-se perdidos, desamparados de todo socorro humano, os desgraçados succumbiam, capitulavam para não morrerem miseravelmente de frio, de fome ou entre os dentes agudissimos dos lobos vorazes.

A crueldade do feitor de Fort Rupert tornara-se proverbial; nos longos serões das frias noites septentrionaes, quando a neve cubria lá fora ininterrupta, em floccos espessos, e os lobos urravam famintos na orla da floresta de pinheiros desnudados pelo inverno e batidos pelos algidos ventos do polo, murmurava-se a medo a lenda da "Jornada da Morte", da viagem sinistra, sem armas e sem alimentos, a que eram condemnados os desgraçados caçadores recalcitrantes, sob a inclemencia das borrascas de neve, no meio da floresta povoada por alcateas de lobos.

Implacavel nas suas vinganças, dando ouvidos ás perfidas insinuações de um mestiço infernal, immensamente ciumento de sua joven esposa, Galano Albret despedira o gerente de Fort Rupert, o seu melhor amigo, a quem o mestiço intrigante, Pedro Le Voy, queria fazer o maior mal possível. E, quando Graham Stewart,

affrontando corajosamente o rancor de Galano, fóra estabelecido na floresta, disposto a emprender por sua conta o rendoso commercio de pelles, não hesitára o feitor em condemnar-o á morte horrivel pelo frio e pela fome, fazendo-o emprender a "Jornada da Morte", da qual ninguém voltava. Queimada a sua cabana, despojado das suas armas e privado de mantimentos, Graham puzera-se a caminho da villa mais proxima, sem esperanças de alcalçá-la, não esperando que a morte o viesse buscar, mas indo ao seu encontro.

Um indio da tribo da Faca Amarella encontrara-lhe o corpo inteirado, quasi enterrado na neve; abria-lhe uma cova, cobria-a de grandes pedras para impedir que o desenterrassem os animaes ferozes e dirigira-se para a villa, levando a cigarreira de prata do morto, que pretendia entregar á sua mulher.

Mas, na villa encontrara apenas o pequeno Ned Stewart, chorando sobre o corpo de sua mãe. O indio contou-lhe como havia encontrado o cadaver de Graham.

— Alguem o abandonou na floresta, sem armas e sem alimentos. Por causa dos lobos, cobri a sua sepultura com um monte de pedras bem grandes...

Ned Stewart era um rapaz animoso. Herdára do pae a firmeza de caracter e a energia indomavel que o caracterizavam. Ao abalo que lhe produzira a noticia que lhe trouxera o indio succedeu um sentimento profundo de odio pelo algoz do seu pobre pae.

— Quando for homem, juro que hei de encontrar o assassino de meu pae e hei de vingar a sua morte.

Annos passaram-se. Onde outr'ora existia o Fort Rupert elevava-se hoje a Villa Conjurador, o mais importante dos centros de commercio de pelles do Canadá. A população da Villa Conjurador, composta na sua maior parte de caçadores de ursos, de arminhos, de marthas, zibbelinas e castores, estendia-se pelas margens do rio, em casas muito differentes das primitivas choupanas.

A região, outrora desolada, apresentava agora um aspecto totalmente differente. A floresta recuara, dando lugar ao homem, e nas inhospitas paragens de antigamente ouviavam-se os mil ruídos da civilização; o som cavo do machado nos troncos seculares, o estralar das velhas arvores que cahiam, o relinchar dos cavallos nos pastos, o canto das mulheres, o alegre gargarhar da creança, tudo denunciava a vida.

Tudo mudára. Só o feitor era o mesmo, agora envelhecido, mas sempre o mesmo homem de ferro, de coração duro e implacavel, impiedoso para os concorrentes. Enviuvára. Apenas lhe restava uma filha, que era a sua adoração, o seu genio bom. Ninguém o estimava. Amavam todos, porém, a sua filha, flor mimosa, crescida no rude ambiente do estabelecimento.

Virginia Albret completára apenas dezesseis annos e tinha a cabecinha loura, repleta de idéas romanticas colhidas nos poucos livros que lhe chegavam ás mãos. Como todas as donzellas da sua idade, ideára um mancebo gentil, dotado de todas as qualidades, cavalheiresco, valente, leal e

ativo, como os paladinos da idade média. Entre esses sonhos, corria a sua existencia. Respeitada por todos; fugia no entanto, a companhia dos entes grosseiros que a cercavam. Sômente a Achilles Picard, seu companheiro de infancia, era accessivel.



Tem que me entregar este rifle em Quebec



Ned e Virginia.



O que é a "Jornada da Morte"?



Aqui tem este revólver.

Tal era Virginia Albret, quando Ned Trent appareceu n'aquella região.

Homem feito, Ned Stewart, mais conhecido agora por Ned Trent, não esquecia o seu projecto de vingança e percorria infatigavelmente todos os centros de commercio de pelles do Canadá, certo de encontrar o miseravel autor da horrorosa morte de seu pae.

Valente e audacioso, comprando e vendendo pelles por sua conta, a sua vizinhança não agradou ao velho feitor de Villa Conjurer. Considerava este a presença do moço na região como um desafio à sua autoridade illimitada até então, e a que



Sentiu que o amava.



A' espreita.



A questão com o mestiço.



Cuidado com Galano.

elle não estava disposto a estabelecer limites agora.

— Ned Trent não pode continuar a commerciar nos meus dominios, dizia elle. Se quizer fazer negocios com o meu estabelecimento, aqui ficará; no caso contrario ha de arrepender-se.

Mas, o joven caçador não se achava de modo algum disposto a alienar a sua liberdade, e fugia ás propostas do velho Galano. Ria-se das ameaças e mantinha-se de sobreaviso. Sabia que os espíes de Villa Conjurer lhe rondavam a cabana; ás advertências dos companheiros, porém, respondia apenas encolhendo os hombros.

— Se o velho Galano tiver vontade de conhecer a minha pontaria e o alcance do meu rifle, é só dizel-o. Nenhum remorso terá quem despachar para o inferno esse velhote insolente, que se suppõe senhor das florestas.

Entretanto, conservava-se alerta; tanto mais que a subita ausencia dos espíes de Villa Conjurer, produzira-lhe maior inquietação do que a sua vigilancia anterior.

— Que andará planejando esse velho enladrado? — pensou elle.

Bem cedo o saberia. Effectivamente, alguns dias depois, no momento em que se preparava para sair, viu-se acommetido por todos os lados pelos homens de Galano Albret. Seus companheiros haviam partido para a caça, ao raiar do dia; resistir seria uma loucura; só lhe restava fugir. Burlando os seus perseguidores, perfeito conhecedor de todos os meandros da floresta, facil lhe foi occultar-se entre os rochedos que bordavam aquella margem do lago que se espalhava tranquillo a pouca distancia. Perdeu-o, porém, o seu bom coração. Achilles Picard, mais atilado que os outros, deixára-se ficar emboscado junto aos penedos do lago, certo de que Ned Trent buscava refugio ali. Ned vira-o tumbem; viu-o ganhar a base da penedia e subir como um gato pelas suas paredes escarpadas; viu-o perder o pé e precipitar-se no lago. Esquecendo o perigo que corria, lançou-se á agua tambem; em poucas brachadas alcançou o outro, prestes a afogar-se. Ao por o pé na praia, estava cercado. Entregou-se.

Galano Albret esfregou as mãos satisfeito, ao ver o prisioneiro. Conhecia a fama de valente e astucioso do rapaz e temia lhe escapasse elle. Contava fazel-o entrar para o serviço do seu estabelecimento. Mas, ás primeiras palavras que lhe dirigiu neste rentido, encontrou-o inabalavel. Rubro de colera, batendo com o punho fechado sobre a mesa deante da qual se achava sentado, bradou:

— Tome cuidado. Disponho de meios para obrigar-o a obedecer-me.

— Sim, eu sei; a longa jornada, da qual ninguem volta...

— Isto é uma historia que contam por ahi ás crianças; replicou Galano, recolhendo o sangue frio.

— Enquanto estiver aqui, posso contar com a sua hospitalidade?

Galano Albret lançou-lhe um olhar perscrutador; que queria dizer Ned Trent com aquella pergunta?

— Póde, respondeu, depois de alguma hesitação.

Privado de armas, sem amigos, Ned Trent trabalhava no cerebro um plano que o livrasse das aperturas em que se via. Lembrou-se, a principio, de Achilles Picard, a quem havia salvo a vida, e que não podia deixar de lhe ser grato. Mas Achilles, ao saber que elle pretendia um rifle, exclamou:

— Oh! porque não me deixou morrer afogado! Galano Albret seria capaz de mandar-me enforcar se eu lhe fornecesse uma arma!

Ned não insistiu; via que não podia contar com Achilles Picard, que sentia mais fortemente o medo do feitor do que a gratidão pelo seu salvador. E se conseguisse encolerisar o velho Galano? Não abrigaria elle a viagem? Não o abrigaria a chegada do inverno? Se tal acontecesse, mais facil lhe seria fugir aos perigos tremendos que antevia.

Com o firme proposito de enraivecel-o, dirigiu-se para a casa do feitor e, sem later, empurrou a porta. Galano Albret preparava-se para tomar chá. Ned aproximou-se da mesa, sobre a qual se sentou e, sem se preocupar com os olhares furibundos do dono da casa, poz-se a assoviar enrolando um cigarro.

Enfurecido pela semcerimonia do rapaz, e mais ainda pelo sorriso zombeteiro que lhe brincava nos labios, Galano Albret rugiu com voz abafada:

— Não acha que devia perguntar-me se o fumo me incommoda, antes de accender o cigarro?

Por unica resposta, Ned lançou-lhe em pleno rosto uma baforada de fumo. A colera do velho explodiria sem duvida se Virginia não entrasse naquelle instante. Ao vel-a, Ned saltou da mesa e tirou o chapéu que, por cumulo da insolencia, até aquelle momento conservara na cabeça; a modo de desculpa, balbuciou:

— Senhorinha, seu pae disse-me que podia ser seu hospede enquanto permanecesse aqui.

O feitor rangia os dentes. Mas, Ned, aproximando-se mais da gentil rapariga, continuou, olhando de esguelha para o velho:

— Disse-me elle ainda que ia favorecer-me com uma longa jornada.

Virginia lançou os olhos para o pae e viu-o fazer-lhe signal para retirar-se. Ia para obedecer-lhe, mas Ned, segurando-a por um braço, proseguiu:

— E' uma jornada da qual ninguem volta. Chama-se a "Jornada da Morte".

E, vendo, que o feitor se levantava, apoplectico, enlaçou o busto da moça e collou os seus labios aos della.

Em seguida, enquanto Virginia fugia, cheia de confusão, voltou-se tranquillamente para o velho. Conseguira o que queria. Galano Albret precipitou-se para a porta e, reunindo os homens que se achavam fóra, disse-lhes, apontando para Ned:

— Conhecem a historia da longa jornada, não é? Pois aquelle homem vae emprehendel-a dentro de dois dias.

A noite, uma dessas bellas noites do septentrião, enchia o firmamento de estrellas. Das florestas evolava-se um perfume vago e embriagador. Nem a mais ligeira brisa fazia farfalhar as folhas, nada perturbava o silencio profundo.

Virginia Albret scismava. Não conseguia conciliar o somno. Pensava em Ned. Sentia nos labios a impressão delectosa daquelle primeiro beijo de homem. Amava-o já, com toda a candura da sua alma innocente. Que mal podia haver em amal-o? Não era elle bello, forte, leal e generoso? Não lhe gabavam e invejavam todos a coragem illimitada, a audacia admiravel?

Ao mesmo tempo sentia-se triste. Ainda que não acreditasse naquella lenda da "Jornada da Morte", á qual a mulher do medico de Villa Conjurer lhe dissera estar Ned condemnado, lia nos olhos do seu pae o odio que este consagrava ao rapaz.

A belleza da noite seduziu-a; envolveu-se em um roupão e sahiu.

Ned estava perto. Ao perceber que a

era extranha e adorável ao mesmo tempo, com aquelle ar remoto que mais desejável a fazia!

— Mas, então, que quer a senhora? — interrogou.

Carlota sorria:

— Alguma coisa mais doce e confortadora. A fama tem um nome que só frio aos meus ouvidos. Quero algo mais quente...

Quizesse-o porém, Carlota ou não, a fama, caprichosamente, mas com passo seguro, foi ao seu encontro. Talvez porque a seduzisse a sua indiferença, a sua relutância, talvez porque seja mentira a injustiça de que a accusam na distribuição dos seus laureis. Qualquer que fosse a razão, facto é que os romances de Carlota foram, um atrás outros, sabendo dos prelos de Ispenlove, e foi crescendo em todo o paiz a sua reputação de escriptora, "portadora de um novo Verbo" — como diziam os criticos. Moça embora, escrevia com uma ampla visão das cousas, e poderosamente vital como era, perpassava nos seus escriptos a antecipação de uma fadiga ineffável. Dir-se-ia que ella usava da sua joven vitalidade, como de uma cimitarra, para rasgar nevoas que habitualmente se não deixam dissolver.

Mais tarde, com o advento da fama, deixou a velha casa, o seu velho jardim, cingido de muros e creou o seu salão. Ahi reunia os mais finos espiritos de Londres, e recebia os elogios de uns, as adulações dos outros. Lord Francis, antigo e antiguadamente satyrico, a proclamar que fizera a corte a todas as mulheres bonitas que encontrara em todas as cidades de todos os paizes do mundo; a Sra. Sardis, outra romancista, de incontestável quilate; Vicary, o compositor celebre, que de vez em quando, lhe falava de Diaz. Outros, ainda...

Sobre o piano, n'uma moldura, o retrato de Emilio Diaz, que a Carlota parecia representar como um *pivot*, centro em torno do qual circulavam todos aquelles outros amigos, admiradores, apostolos da sua fama... e ella propria.

Nunca mais o tornara a ver, nunca mais o tornara a ver! Viriam outras horas, outros homens — quem sabe! — outros arrebatamentos, outros triumphos. Mas não como aquelle! Aquillo, Carlota dizia, só vem, em cada vida, uma vez! Tudo mais seriam substancias, sombras, — todas menores!

Entretimentos, apparecera Ispenlove, Ispenlove, que desde o principio a comprehendera, a auxiliara, lhe fora constante e valioso amigo. E Frank Ispenlove amava-a.

Se lhe retribuia o amor, Carlota não o sabia dizer. Ella era uma d'essas infelizes que parece não saberem jámais conhecer-te, a si mesmas. Convergiam na sua pessoa toda a especie de correntes e sub-correntes, mitigando as decisões que ella desejaria tomar. Não sabia crear pessoas com negações, e nem a si mesma se saberia crear.

Tinha um recelo immenso de ferir as pessoas, de lhes infligir, levemente embora, a interessante dor da reminiscencia, que lhes impediria viver na plenitude do que constitue a vida, de qualquer forma que viessem!

Frank Ispenlove offerecia-lhe uma companhia affectuosa, comprehensiva e confortadora. Era extremamente infeliz. Sua esposa amara outro homem todo o tempo que os dois haviam vivido casados, e Frank anclava por uma affeição. Nunca amara

de verdade, dizia, senão depois de conhecer Carlota. E implorava-lhe a esplendida dadiwa de si mesma; implorava-lhe que partisse com elle, que viajasse com elle até o dia em que sua esposa se divorciasse, e se pudessem casar, os dois. De vez em quando vencia-a a tentação. Sentia-se só, cruelmente só, ás vezes. A recordação, o retrato de Diaz, sobre o piano, nem sempre bastavam aos appetites humanos que a consumiam. E os annos iam passando. E ninguém se podia nutrir tão só de um sonho, por mais bello que este fosse!

Foi a Sra. Sardis quem primeiro lhe trouxe noticia do que se andava dizendo. Com a autoridade que lhe dava uma vida um pouco mais avançada, disse-lhe-o sem ambages:

— Os teus amigos não fallam de outra coisa. Dizem que Ispenlove não sãe d'aqui, e tem pena de Maria Ispenlove...

— Ella é que nunca teve pena do marido! — retorquiu Carlota, aggressivamente.

— Teve, sim. Teve pena d'elle, pena de todos, — e com um tom mais convincente: — Depois, seja como fór, é esposa delle!

Este argumento, para a Sra. Sardis e para as demais da sua *grey*, liquidava a questão: era a esposa d'elle! A parte humana do caso não existia sequer.

Mas Carlota era ainda por demais jovem para se deixar governar pelas leis do absurdo. Quando Ispenlove mais uma vez appareceu, essa noite, e de novo lhe supplicou que partisse em sua companhia, Carlota prometteu-lhe que lhe daria a resposta de manhã, que ia reflectir definitivamente sobre o caso.

Na manhã seguinte a Sra. Ispenlove procurou-a, ainda antes que ella se houvesse levantado. Maria Ispenlove, á luz matinal que penetrava no aposento, appareceu-lhe pallida e abatida. Reflectia-se na expressão physionomica o doloroso trabalho emocional de tantos annos. Havia traços brancos no cabello, nevoas baças no rosto. Confrangia o coração olhal-a.

Contou que Frank lhe declarára que a ia deixar, e que se via n'uma afflicção indizível.

— N'esta estação da vida — disse a Carlota, segurando-lhe a mão, como se lhe supplicassem forças — depois de tudo que temos arrostado e atravessado, se elle me deixasse, seria fatal! Seria matar-me! A despeito de tudo, temos sido marido e esposa, e homem algum houve jámais que nos separasse um do outro!

— Externamente, não! — disse Carlota, impulsivamente.

Mas a outra, longe de contestar a insinuação, proseguiu, em tom mais baixo:

— Bem sei. E' verdade, sim, que amei um outro homem! Foi mais forte do que eu: sempre o amara! Mas reneguei esse sentimento no meu coração a cada passo, de todos os modos possiveis, e jámais d'ahi veio a Frank um disfarce que eu pudesse evitar! Hoje... hoje esse homem é morto. Frank e eu estamos de novo juntos e só. Juntos, como sempre, mais ou menos estivemos, e ser-me-hia impossivel agora affrontar o escandalo, a notoriedade de um divorcio! Estou prostrada... entou alquebrada demais!

Estava-o, na realidade. Carlota bem o podia ver. Alquebrada em demasia. Ella precisava de Frank e Frank precisava de quem precisasse d'elle. Afinal, tudo era o que devia ser. E Carlota, depois de offerecer a Maria Ispenlove o seu conforto, fez dizer a Frank, quando este appareceu, que não estava em casa para ninguém. Elle saberia comprehender...

Ao meio dia partiu para Menton, com Yvonne, a criada.

A paz, a quietude, a sensação de outros scenarios, os affectos de Natureza são um poderoso palliativo em situação como esta, e Carlota sabia que Frank Ispenlove não lhe ferira fundo o coração.

Levou consigo, para estímulos, o retrato adorado de Diaz. Mas, em Menton, de novo se encontrou com Ispenlove. Houve uma especie de *grêve* entre os dois, provocada pela obstinação de Frank.

— E' inutil insistir, Carlota! Não posso partir! Amo-te, e ficarei junto de ti!

— E sua esposa?

— Amo-te, e é quanto basta para que desapareçam do meu espirito todas as considerações de moral!

— Mas não devia ser assim!

— Mas ?!

— Depois, eu não estou certa de o amar. Ou, pelo menos, não o amo como... como podia amar!

— Mas has-de amar-me! Eu te ensinarei, eu te ensinarei a amar-me, e com tal meiguice, Carlota!

— Seria um novo soffrimento, Frank! Não, nada disto pode ser! Sinto-o dentro de mim, e os meus instinctos não me enganam!

Em meio desta scena, inesperadamente, appareceu Vicary. Viera para antecipar a tragica revelação dos jornaes: o corpo da Sra. Ispenlove fora encontrada no Tamisa, na noite da vesperta!

Carlota jámais poudes esquecer o grito de "Minha esposa!" que escapou a Frank Ispenlove.

Aquelle grito revelava toda a triste historia do passado. Sempre antagonisado, ou pelo desejo della, ou mais tarde, pelo seu, jámais Frank Ispenlove deixara de amar Maria no mais intimo do seu coração. Conterceu-se-lhe o rosto numa expressão de angustia indefinivel, mas foi um momento só:

— Foste tu que me arrastaste a isto, Carlota! — exclamou. E arrancando um revolver do bolso, despedaçou os miolos.

— Repousam em paz os Ispenloves, — monologou Vicary, á guisa de responso.

Carlota seguiu depois para Paris. Come sentisse que acabara a vida para ella, escolheu, por um paradoxo, a cidade onde a vida alcançava o seu apogeu de vehemencia. Ali ao menos talvez o ambiente a absorvesse! Que valiam as obras da sua pena? Eram tão só o que ella jámais vivera, e por isso mesmo insatisfatorias, inuteis!

Em Paris, porém, encontrou Diaz.

A principio não o reconheceu. Vira-o sentado, á frente de um café de terceira ordem, a bebericar absyntho. Tinha envelhecido e estava horrivel. A tremenda vaga da vida tambem o havia agouitado cruelmente, a elle, Diaz, o recente idolo de toda a Europa!

Elle, tambem não a reconheceu a principio. Tinha os olhos amarellecidos, rajados de sangue, e as mãos — as suas lindas, as suas portentosas mãos — fazia pena vel-as! Não mais lindas eram, nem portentosas! Pareciam feitas tão só para aferrar o copo grosso que encerrava aquella substancia verde, nojentia...

E, brandamente, como se as palavras lhe viessem de um secreto recinto que ella jámais penetrara, Carlota disse-lhe:

— Diaz... eu sou Magdalena!

— Magdalena, ha tanta! Uma mais, uma menos...

Havia na sua voz um tom de quixotismo que varava o coração. Onde a esplendida vibração de outr'ora!

Ella murmurou:

— Mas eu Magda... Com certeza...

Só então elle a olhou bem de frente, e um claro momentaneo lhe perpassava no rosto terroso e inexpressivo:

rifle de que ninguém sentirá a falta. Espere-me à noite, na margem do rio.

E, sem lhe dar tempo de responder, afastou-se correndo. Ned acompanhou-a com um olhar enternecido e ella voltou-se ainda uma vez, para dizer-lhe adeus.

Ao cair da noite, Ned Trent dirigiu-se para a margem do rio. Conseguira apoderar-se de algumas provisões. Ocultou-as em uma das muitas canoas que ali se achavam e ganhou a floresta. Virginia esperava-o; tinha na mão um rifle, que entregou ao rapaz. Este correu á embarcação, onde deixou a arma, e voltou para despedir-se da moça.

— Quero que me vá entregar esse rifle em Quebec, para onde devo partir dentro em pouco, disse ella.

— Com um rifle e com a esperança de tornar a vê-la, respondeu Ned, irei até o fim do mundo.

E tomando-a nos braços depoz-lhe nos lábios um beijo, longo, de adoração infinita.

— Oh! — protestou ella — eu não lhe dei o direito de fazer isso...

— Então dê-me esse direito, Virginia, porque te amo!

Ella sorriu e escondeu o rosto no peito amplo do moço.

Um estrepito de galhos quebrados e passos precipitados veio quebrar o seu embriaguecimento. A fuga de Ned Trent fôra descoberta muito cedo.

Levado á presença de Galano, que media enraivecida a estreita sala onde se achava, o feitor exclamou:

— Quem lhe forneceu o rifle que foi encontrado na canoa? Diga-me o nome desse traidor e eu perdoar-lhe-ei e restituir-lhe-ei a liberdade.

— Ninguém me forneceu o rifle. Fui eu que o roubei.

— Pois então emprenderá a "Jornada da Morte", hoje mesmo, rugiu Galano.

— Meu pae, implorou Virginia entrando, fui eu que lhe dei o meu rifle. Amo-o, meu pae. Elle é meu noivo. Matal-o é o mesmo que matar-me.

Brutalmente, Galano afastou a filha, fazendo-a cair. Ned precipitou-se e, erguendo-a nos braços, transportou-a para o seu quarto.

Ficando só, Galano dirigiu-se para a porta. Mas, no caminho, feriu-lhe a vista uma cigarreira que Ned deixara sobre a mesa. Conhecia aquelle objecto. Tomou-o nas mãos e cambaleou ao ler o nome gravado na tampa: "Graham Stewart". Como se acharia aquella cigarreira em poder de Ned. Seria elle?... Impossível... o filho de Graham Stewart!

Ned Trent aproximou-se. Galano deixara-se cair sobre uma cadeira e, com a cabeça entre as mãos, reflectia. Pensava no genro de Fort Rupert, em sua mulher, nas acenções do mestiço Pedro Le Voy, na confissão que este lhe fizera, na hora da morte, de que tudo o que lhe dissera sobre as relações do seu amigo com Helena Albret era falso.

Matara um innocente. E agora iria assassinar-lhe também o filho?

Ergueu-se e caminhou para Ned.

— Ned Trent, disse elle, o seu verdadeiro nome é Stewart. Foi amigo de teu pae. Suspeitas injustas fizeram com que eu o mandasse matar. Por minha ordem abandonaram-n'o no meio da floresta, sem armas e sem municiões. Aqui tens um revólver. Vinga-te.

Ned soltou um rugido de fera. Empunhou o revólver e apontou-o para aquelle homem que se lhe entregava sem defesa. Mas o tiro não partiu. A mão desluciu-lhe e o revólver rolou para o chão.

— Não posso — murmurou elle. Per-

doa-me, meu pae; Virginia está entre mim e elle!

— Ned Trent — tornou Galano — recolha-se ao seu quarto. Amanhã partirá daqui.

Ao amanhecer do dia seguinte a expedição se achava preparada. Galano dirigiu-se para a ponte de embarque e, apresentando Ned aos seus homens, exclamou:

— São essas as minhas ordens: Ned Trent será o chefe dessa expedição. Obedeçam-lhe como a mim proprio.

E, vendo a surpresa que se apoderara de Ned Trent ao ver Virginia em uma das canoas, concluiu.

— E consinto no seu casamento com minha filha.

MACULADA!

(FIM)

Perscrutava vigilantemente aquelle rostinho adorado, mas só nelle lia felicidade e contentamento. Quando ao fim do anno, Ruth teve uma menina, Whitlock reflectiu de si para si que eram talvez infundados os seus receios. Um telegramma de Nova York annunciou-lhe a morte de Dot Belmar e a desaparição do estabelecimento em que ella fôra interessada. Courtenay era um esposo dedicado, um pae amorosissimo. — Pouco importa — ponderava Whitlock, sacudindo a cabeça grisalha — de todo o modo vou ficar por aqui mais algum tempo. O mais que posso é apanhar algum passaporte para o outro mundo e uma recommendação para que me recolham ao compartimento dos recalcitrantes no Além!

A filhinha do casal tinha quasi seis meses de idade quando a sombra descambou sobre a estrada de alegria que Ruth vinha ha tanto percorrendo. No Bois, inesperadamente chamada pelo seu nome, Ruth voltou a cabeça e pareceu-lhe que sentia um pulso de gelo estrafegar-lhe o coração, quando deu com os olhos escarminhos e perfidos de João Velludo.

— Que é... que é que o senhor quer? — perguntára-lhe, instinctivamente, certa de que elle só viera a Paris para se encontrar com ella.

— Estás pouco cordial com os teus velhos amigos... — respondera Craft, collocando-se a seu lado com fingida naturalidade. Era sempre o mesmo individuo furtivo e esperto de outros tempos, cujos dedos manchados de amarello tremiam ao pôr e tirar da bocca o eterno cigarro. — Pouco importa — proseguiu — e uma vez que me perguntas, responder-te-ei que quero... o que todos querem: dinheiro. Sou um negociante; tenho para vender mercadorias que te ha de agradar comprar, tenho a certeza. Quanto queres pagar-me para eu não dizer ao teu bello maridinho de quem tu és filha e a que especie de buraco Whitlock te foi buscar?

O cynismo delle foi como que um bote assustado em cheio á cabeça de Ruth. Um momento ella vacillou, mas logo recobrou animo:

— O senhor não ousaria! — exclamou com indignação — Burke Whitlock seria capaz de o...

Pff! — fez o chantageista com desprezo, sacudindo para longe a cinza do cigarro, como se, com o mesmo gesto, sacudisse Whitlock para longe da existencia. — Aquelle velho lobo? Carta fôra do baralho!

— Meu marido matal-o-ia! — rugiu com orgulho. — E o senhor, de mim, só mentiras lhe poderá contar!

— Pois sim — fez J. Velludo tranquillamente — mas a verdade também ás vezes tem seus espinhos!... Tinha, por exemplo, ali uma photographia tua com aquelle vestido que tu lá usavas... Esta

cousa das photographias era uma precaução de que Dot sempre usava para com todas! A's vezes dava certo... Não te parece?

Ao fim, Ruth cedeu: deu-lhe dinheiro, levou-lhe'o ao seu aposento do desassado Quartier Latin. Em troca, nada obteve. Surgiram novas exigencias, despertando supplicas, e por fim Ruth teve de ceder ao que elle exigia, por temor de ver perdida a sua felicidade. Mais tarde, quando lhe levou o dinheiro apurado com a venda das suas perolas — o presente de nupcias que lhe offerecera o seu tutor — Ruth declarou terminantemente ao miseravel que nada mais lhe poderia dar.

— Qual! Isto é alpiste para passaros! — fez J. Velludo, a rir. — E se tu não puderes dar-me mais nada, ha de poder teu marido!

Burke Whitlock que cabeceava sobre um velho jornal de Nova York, de ha quinze dias atraz, teve um subito palpito. Muitos outros tivera durante a sua carreira: pois não adivinhara elle o dia em que a quadilha reformista ia assaltar o hotequim de Joe? E quando a D. A. lhe ia exigir alguma coisa? Botou, pois, o chapéo, saltou para a rua e chamou um taxi, com tremenda mutilação da lingua de Voltaire. A' esquina de um boulevard, a pouca distancia do aposento de Ruth, a luz de um lampião illuminou a physionomia de um homem que seguia apressadamente pela calçada. Whitlock deixou escapar uma praga. — Quero ser rato de bordo se aquillo não era João Velludo! E parecia ir damado! Com certeza aconteceu alguma coisa! Vamos, "chauffeur", depressa!

Arquejava pesadamente quando após galgar a escada, aos tres degrãos, abriu a porta do aposento dos Courtenay e penetrou na encantadora salinha verde e pratinha em que costumava conversar com elles. Douglas Courtenay, encostado ao fogão, com a cabeça enterrada nas mãos, deixou ver, ao ouvir-lhe os passos, um rosto repuxado e livido.

— Allô — disse com voz secca — o senhor chega um pouco atrasado para o espectáculo! — disse a rir desagradavelmente.

— Para o espectáculo?... — repetiu Whitlock, recuando os lábios grossos sobre a dentadura alva, revestindo o aspecto da fera de outr'ora, prompta a entrar em luta, novamente. — Que quer dizer isso de "espectaculo"? Onde está Ruth? Que foi que se passou aqui?

— Ruth está no seu quarto! — respondeu o moço num visível esforço por se conter. — Tivemos na vizinhança... Depois que elle se retirou, elle disse que se sentia cansado e que se ia recolher ao leito.

— Foi então o "Velludo", com certeza! — Não me enganou o meu palpite! Infelizmente, não pude chegar a tempo! E que foi que elle te disse?

— Tudo! — disse Douglas, calmamente. — Tudo que o senhor com certeza já sabe: quem era a mãe de Ruth, onde o senhor a foi buscar, etc...

O velho Whitlock deixou cair o punho cerrado sobre uma mesa frangeira, que rangeu com um ruido secco, e exclamou com vehemencia:

— E, é de facto nos mais immundos pantanos que se descobrem lyrios! E foi justamente o que ali eu fui achar: um lyrio immaculado! Se elle te disse outra coisa, mentia-te como um cão!

Um clarão de esperanza alvizou, um momento, a expressão terribel dos olhos de Courtenay.

— Mas Ruth tem-lhe dado dinheiro, constantemente. Não o nega! E mais do

que isso: esse dinheiro, foi ella propria leval-o ao aposento do bandido.

Os dois homens entreolharam-se com firmeza. Whitlock avançou um passo, e brandiu em frente ao rosto de Courtenay um grosso punho ameaçador:

— Eu já sabia! Eu já sabia que tu não eras homem para ficar ao lado della no dia em que surgisse uma situação como esta! Faz dois annos que vives com ella, e ainda não chegaste a convercer-te de que tens em Ruth uma perola legitima! E acreditas no primeiro vigariista vagabundo que procura ennojar-lhe o nome! Sabes de que tu precisavas? Era de uma boa lição, e não me falta a vontade...

— Sim, sou um louco! — declarou Douglas, passando a mão sobre o rosto desvairado, — mas foi como um monolitho que houvesse desabado sobre mim! E depois, a tranquillidade della! Se ao menos ella houvesse protestado, gritando; mas conservou-se immovel, nada fez senão olhar para mim e para o outro...

— E' um animal de sangue puro! Não lhe arrancarias um grito, mesmo que a matasses! — proclamou o velho com orgulho. — Filha de Dot Belmar? Sim, a virago dizia ter provas disso, mas eu não estou muito certo de que isso seja exacto, e tenho um par de *detectives* a apurar o caso. Nunca vi, na minha vida, brotar de um cardo uma rosa!...

— Sim, fui um louco! — disse de novo o esposo de Ruth, jubiloso. Caminhou para a porta que dava para o dormitorio, abriu-a e soltou uma exclamação:

— Ruth, Ruth adorada, onde estás?

De um impeto passou ao quarto interno. Ouviu-se um ruido de cadeiras derrubadas sobre um tapete. Lentamente, Courtenay reapareceu á porta:

— Foi-se! Deixou um bilhete... diz que nunca nos tornará a ver, nem a mim, nem á menina... que não quer envergonhar-nos, a todos!

Douglas teria cahido, se Whitlock não o amparasse. E souo no aposento o pranto convulso de um homem, afflicto por uma dor immensa!

Um mez depois, os dois homens, acompanhados por uma ama que carregava a creança, achavam-se no convéz de prôa de um paquete que abria caminho atravez do leito apinhado do Hudson, em demanda do seu ancoradouro em Hoboken. Aparecia no rosto de ambos o vinco da afflicção e da insomnia, mas Whitlock buscava mostrar-se aggressivamente jovial, talvez pensando que, fingindo não ter preoccupações, conseguisse de facto evitá-las.

— Seja como fór, estamos agora do mesmo lado do mar que Ruth. Sómente, ella alcançou um vapor antes do nosso. Quanto a isso, não ha duvida! Quer dizer que ella está aqui ha uns dez dias; e que lhe pode ter succedido em dez dias?

— Que lhe pode ter succedido?! — repetiu Courtenay, encostando-se pesadamente á amurada do navio. — Uma pobrezinha como ella... só... cheia de sustos! Santo Deus! E João Velludo a bordo do mesmo vapor! Nem me atrevo a pensar...

E' isso mesmo: não penses, que nada adianta! De que precisamos agora é de agir e não de pensar! Antes de mais nada, vou ver se ainda algum nesta terra se lembra do "chefe Whitlock" e se ninguem se lembra vamos pôr toda a força de policia e metade da população da cidade á procura della!

Não estava esquecido o "chefe Whitlock, em Nova York, e, como elle dissera, todo o machinismo policial da cidade se pôz em movimento para descobrir o paradeiro de Ruth Courtenay; mas durante um mez não houve diligencia alguma que surtisse resultado. E Douglas Courtenay

não cessava de andar, como um inseto, de um para o outro lado do seu quarto, ao mesmo tempo que Whitlock lhe dispensava palavras de animação que não passavam de um "bluff".

— Ella não está aqui, nem em parte alguma! — soluçava o marido. — O mundo é tão grande, e ella é tão pequena! De resto, quem sabe lá se ella ainda está no nosso mundo!

Mas Whitlock não lhe dava ouvidos: — Ruth é uma rapariga de boa tempera! — repetia com firmeza. — Não é das que fogem! Em breve a havemos de encontrar! Tenho cá o meu palpite!

Dez dias depois trouxe-lhes um *detective* a noticia de que uma mulher, cujos signaes correspondiam aos que elle havia dado á policia, entrara num restaurante chinês da parte leste da cidade. Ali a havia seguido o policial, mas em parte alguma a encontrara, e o dono da casa, interrogado, limitara-se a abrir muito os olhos, numa attitudde de completa innocencia, e declarara não ter nenhum conhecimento de semelhante pessoa.

— Tenho informação de que esse restaurant é apenas uma "figuração" — disse o *detective* num bocejo. — Segundo me disseram costuma ali fazer o seu quartel general um individuo por nome Alvarez, que recruta raparigas para as levar para o Brasil. Acho que o melhor seríamos dar uma batida na espelunca.

Os poucos desasessados "frequentes" que occupavam as mesas cobertas de oleado do restaurant de Ah Sing olharam inexpressivamente o grupo, á sua entrada no local, e proseguiram comendo o seu frugal almoço. Os agentes secretos e Whitlock deixaram-se levar por um copeiro tagarella até ás ennevoadas regiões da cozinha; mas Courtenay não os acompanhou. O espelho collocado sobre a vitrine dos cigarros mostrava-lhe uma cara descarnada, uma cabeça cõr de rato que elle facilmente reconheceria. Algumas passadas levaram-no até junto de João Velludo, cujo rosto começou a empallidecer mais e mais.

— Onde está ella? — disse com odio. Tremia-lhe uma das mãos descansada sobre a mesa, e a chamma dos seus olhos, uma chamma que tinha o azul brilhante do aço, prenunciava sangue. — Não negues que sabes. Mostra-me o caminho para ir ter onde ella está! Do contrario aperto-te aqui mesmo a garganta, até te arrancar a vida!

O bandido estremecia de verdadeiro terror. E desvencilhando-se da cadeira abriu caminho para um corredor ao lado, e dali, pela escada acima, para um labyrintho de passagens e corredores. Ao fim de um delles cozeu-se á parede e tartamudeou, humildemente:

— Não lhe fiz nenhum mal! Por Deus lhe juro! A unica coisa que fiz foi mandar-lhe um recado falso, a serviço de Alvarez. Elle já estava a bordo e contrataram para a encontrar. Se alguma coisa lhe succedeu...

Vasculhou os bolsos á procura da chave, metton-a na fechadura e escancarou a porta. No momento delle entrar, ouviu-se um tiro. Douglas Courtenay, galgando por sobre o corpo de João Velludo, amparou nos seus braços a franzina figura de sua esposa, que ainda empunhava o revolver fumegante.

— Ruth! meu amor!

Nem olhou para elle, mas declarou:

— Pensei que era o espanhol! — disse com um tremor convulsivo que Douglas percebeu. — Esta tarde, quando elle me trouxe para aqui, roubei-lhe do bolso isto, de que pretendia servir-me quando elle voltasse.

Suspiron, tremeu convulsivamente de novo e Douglas sentiu que ella se fazia

pesada nos seus braços. Suspendeu-a então e caminhou escada abaixo, só se detendo para breves explicações aos que acudiam, attrahidos pelo estampido.

— Morte accidental! Isso fica por minha conta! — disse o velho chefe, com uma especie de orgulho do seu prestigio. — Depois de concluidas as formalidades irei ao hotel, ter com vocês. Toma cuidado e não fales demais, meu rapaz! Olha que, na vida, o que faz mais mal não são as balas: são as palavras.

Mas quando, momentos ou horas depois, Ruth abriu os olhos e se encontrou nos braços de seu esposo, não foi preciso que os dois trocassem uma só palavra. As profundas linhas que cavavam o rosto de Douglas imploravam "perdão!", ao passo que o clarão que animava os seus olhos lhe confessava "Amor".

E com um pequeno suspiro de contentamento Ruth aconchegou-se mais ao peito do marido e deu-lhe perdão e amor nos labios que offereceu ao seu beijo apaixonado!

DETECTIVE POR AMOR

(FIM)

d'agua. Depois, outro, outro e outro objecto, todos presos á mesma corrente. Na occasião precisa, a lancha avançou veloz, apanhou a corrente e disparou para o largo, por pouco não esbarrando contra outra lancha que chegava a toda a força do motor, mas tarde demais, por certo!

— E' a lancha dos contrabandistas! Vão nos perseguir! — disse a rapariga. — Com certeza, porém, não farão fogo se não forem a isso obrigados. Mas se nos metterem a pique, irão connosco as joias, também! Somos portanto nós que devemos fazer fogo sobre elles!

— Está bem! — limitou-se Plunkett a dizer, a mão já firme na coronha do revólver. A lancha que os perseguia era mais rapida que a delles, e rapidamente, ganhava terreno. Plunkett disse ao machinista algumas palavras e a lancha estacou repentinamente. A outra lancha, navegando na esteira da que os dois occupavam, com um minuto mais, parava ao lado desta. Viam-se, a bordo, confusamente, duas figuras, uma no volante e outra á pópa.

— Vise o volante! — segredou a rapariga.

Dois revolvers fizeram fogo ao mesmo tempo. O motor da lancha que os perseguia calara-se. Algumas formas humanas haviam desaparecido do convéz. A embarcação começou a balouçar-se, a mudar de direcção, e Plunkett logo mandou para avante a sua propria lancha.

Pouco disseram até voltarem de novo a terra. Plunkett suspendeu a extranha enfiada de caixas e poz-se a olhar para a rapariga.

— E agora aonde vamos? — perguntou.

— Não quero voltar para o meu hotel, com estes pacotes, — disse, hesitando. — Se houvesse algum lugar onde pudessemos passar o resto da noite...

— E por que não vem para a minha pensão? Não é uma morada *chic*, mas ninguem se opporá a que entremos, nem nos fará perguntas indiscretas.

— Depois, lá, não terei de que ter medo, uma vez que o tenho, ao senhor, junto de mim! — disse, a rir. — O hotel em que eu moro está sendo a todo o momento vigiado, e já esta noite, foi com a maior difficuldade que consegui sair! Assim, não; estarei tranquilla: e agora, pode abrir o caminho, bravo capitão!

Conforme Plunkett predissera, nada lhe foi perguntado quando o viram entrar em

companhia daquela moça estranha á pensão. O empregado sentado á secretária levantou umas sobranças algo cynicas, quando Plunkett lhe pediu um quarto contíguo ao seu; mas não adiantou commentario algum. Tinham embrulhado as caixinhas num jornal, e Plunkett, por suas mãos, collocou o pacote debaixo do traveseiro da moça, antes de lhe desejar boa noite. Passou depois ao quarto ao lado, mas não para dormir. Toda a noite velou, silencioso e attento, á escuta e á espreita. Um instincto qualquer, que elle não sabia definir, aconselhava-o a não perder de vista aquella donzellinha de olhos escuros, de linguagem dulcorosa e modos estranhos. Qualquer cousa lhe dizia que não tivesse confiança nella, que estivesse alerta.

Já rompia o dia quando a sentiu mover-se no quarto contíguo. Esteve á escuta attentamente, até que o rumor de papeis amarranhados o fez pôr-se de pé.

— Está desembulhando as caixas! — disse consigo, e logo se encaminhou para a porta da sua vizinha, onde baten devagar. Interpretando a exclamação da moça como uma ordem de entrar, logo transpôz a porta. Com grande espanto seu, verificou que todas as caixas estavam abertas sobre a cama, que o seu valioso conteúdo scintillava sobre a suja coberta do leito.

— Não acha que isto é uma imprudencia? — disse, colhendo na mão um monte de joias scintillantes.

— E' que eu precisava ver se o "Sultana" estava de facto entre estas joias! — disse a rapariga, a desculpar-se.

— Nada acho que me pareça o tal brilhante. Sei entretanto que elle está escondido sob uma capa de esmalte cobalto.

Juntos, catalogaram o thesouro. A rapariga estava quasi abatida pelo desapontamento, e de Plunkett muito menos se não poderia dizer. Entretanto, nem uma palavra pronunciava que pudesse traduzir o seu interesse pela preciosa pedra.

— Bem, tenho que ir ao escriptorio dar sciencia do que fiz, — disse por fim a moça. — Ao menos, sempre cumpri as ordens que me deram, e tenho commigo as joias. Se o "Sultana" não está entre ellas, a culpa não é minha. Não é possível que eu esteja enganada, pois sei bem como ella está dissimulada: num pedaço de cobalto, de um azul profundo e de forma irregular, preso a uma corrente de ouro fosco. Ora aqui não ha nada que se pareça com isso!

— Nada, — concordou Plunkett; mas a esse tempo registrava a sua mente uma impressão diversa. Viu então uma mesa de fante, illuminada por candelabros, servida por criados que iam e vinham continuamente. Frente a frente com elle, um senhor veneravel conversava gravemente, e escutava-os uma rapariga loura, de profundos olhos azues, com uma pelle que parecia amassada em rosas. Pendurado do nico pescoço dessa rapariga via-se um medalhão oval, de forma irregular, de um azul forte, preso a uma corrente de ouro fosco.

Uma coincidência, com certeza uma simples coincidência!

— Onde é o escriptorio? Quero ir deixal-a lá, em segurança.

Elle hesitou um momento, mas logo depois respondeu com um sorriso tão franco que quasi se desvaneceu a vaga desconfiança que ella fizera nascer no espirito de Plunkett.

— Poucos quarteirões distante daqui. Conhece sem duvida a antiga loja de Durand, o vendedor de antiguidades? Nós do serviço secreto, meu amigo, somos muitas vezes obrigados a lançar mão de singulares subterfugios. Presentemente, é lá que temos o nosso escriptorio, e decauto lhe agradeceré muito se me acompanhar até á porta.

Seria meramente casual aquelle "até á porta"? Ou queria ella dizer que para além elle não poderia passar? Fosse como fosse, Plunkett nenhum commentario fez ás palavras de miss Melton.

— Vou chamar um taxi. O seu traje, nestas ruas escusas fatalmente attrahiria a attenção! — ponderou Plunkett, que por tal mereceu os comprazidos agradecimentos da moça.

Appareceu-lhe vestido de official de marinha, momentos depois, quando se annunciou prompto a acompanhá-la. A rapariga não dissimulou uma certa surpresa:

— E' muito natural: estive no serviço de transportes antes de entrar para as fileiras do exercito, e por isso...

Os olhos de Patricia turbaram-se um pouco com esta explicação. Renasceu no espirito do rapaz a desconfiança primitiva. Compreendia-se que ella usasse de precaução na execução das suas funcções, mas donde lhe vinha este receio de agora?

A porta da antiga loja de antiguidades miss Melton estendeu a mão a Plunkett com um sorriso:

— Nunca lhe poderei significar bastantemente todo o meu agradecimento! Passámos uma noite esplendida, e ainda não chegámos ao fim! Mais tarde terei mais para lhe contar, espero bem. Por agora, porém, tenho que lhe dizer "adeu".

— "Au revoir, mademoiselle" — corrigiu o official com um rasgado cumprimento.

Patricia desapareceu sem demora na porta da acanhada lojinha e Plunkett no mesmo instante entrou em plena actividade. Felizmente, elle conhecia bem aquelle edificio. Era um casarão, quasi a cair, cheio de aguas furtadas desertas e de galerias desmoronadas e humidas. Nos seus tempos de estudante, Plunkett ali brincara muitos dias. Assim, quebrando uma esquiua, atravessando um corredor, Plunkett veio dar sem difficuldade á porta trazeira do mesmo velho edificio. Vinte degraus a subir, um novo corredor, mais um lance de escadas, e oeil-o numa pequena sala, bem ao lado do escriptorio onde Durand costumava receber os seus clientes. Ahí, espreitando-se por detraz de um biombo, Plunkett, pela porta entre-aberta, podia ver e ouvir perfeitamente tudo quanto se dizia e fazia no contíguo aposento.

Mas, com grande abatimento do coração, verificou que Patricia ali não estava. Seria possível que ella houvesse já resolvido o seu caso, e se tivesse ido embora? Mal tivera tempo de formular este pensamento quando ocorreu algo de inteiramente inesperado. Na loja penetrara Durand, o vendedor de antiguidades, e com elle estava Karakoff. Conversavam um com outro familiarmente, como intimos amigos, e Plunkett observou que Durand chamava de "chefe" ao ancião.

— E' um bando de contrabandistas, e aquelle espertalhão de Karakoff é o chefe da quadrilha! — foi o primeiro pensamento de Karakoff. Mas mesmo então o seu pensamento convergiu para Olga. Que era ella então? Uma habil aventureira que sem duvida, á socapa, ria do joven americano que de tão bom coração e com tão grande innocencia se puzera ao serviço de seu pae? E de repente a vida pareceu-lhe uma coisa ôca, fastidiosa, sem valor. Nada havia de sincero, nem verdadeiro! Não havia ninguem honesto: todos os homens não passavam de uns mentirosos, de uns embulhados! De repente souu a voz de Karakoff:

— E' preciso de todo o modo encontrar o brilhante. A rapariga informa que elle não está entre as joias que ella apanhou, não é verdade? Pouco importa: é preciso que lhe botemos a mão! Só por si, elle

vale mais de que tudo quanto ella trouxe! E tome nota de que não quero que succeda mal algum a essa rapariga, Patricia. E' esperta demais para que nos possamos privar della! Ha tambem um joven capitão Plunkett, que em breve nos vai ser muito util. Se elle apparecer aqui, qualquer que seja o fim com que venha, acalme-o e não consinta que nada lhe aconteça. Esse homem, eu preciso delle!

— Está bem. Terei presentes as suas recommendações, meu chefe — prometteu Durand.

Karakoff sahiu pela rua que corria ao lado do edificio. O impeto que teve Plunkett de se lançar atraz delle conteve-o inconscientemente Patricia, quando entrou por uma outra porta. A primeira cousa que o official observou foi que ella havia mudado de "toilette". Mas então é porque ella mora aqui! São, então, todos vigaristas e ladrões! Mesmo Olga! Não — reflectiu, cerrando os dentes — não era crível! Olga era apenas uma victima innocente! Sem duvida, acreditava que seu pae era um homem honesto!

No breve instante em que os seus pensamentos haviam voado até Olga, Patricia envolveu-se numa disputa com Durand, a proposito da entrega das joias. De repente, Durand lançou mão a um punhal e investiu para ella. A rapariga levantou as mãos com a rapidez de um relampago e cingiu-lhe os pulsos como num arco de ferro. Era evidente que Durand não mettia medo algum á sua adversaria, concluiu Plunkett, já depois de haver sahido do seu esconderijo para correr em soccorro de Patricia.

— Não, não ha nada por que se irritar. Fique calmo! — dizia a moça, sem alteração de voz. As suas palavras dirigiam-se a Durand, mas os seus olhos estavam fixos em Plunkett, escondido por detraz do negociante. O official percebeu a significação do signal e logo se retirou para o seu posto de observação.

— Creio que ainda agora mesmo o chefe lhe disse que não queria que me acontecesse mal algum, não é verdade? Com certeza foi um impeto impensado da sua parte...

Soltou então as mãos de Durand com uma sacudidella de hombros que claramente marcava a pouca importancia que ligava ao negociante.

— Vocês, homens, são uns palermas! Brigam, discutem, e no meio de tudo isso deixam escapar o objectivo principal que deviam ter em vista. Que é que nós queremos? E' o brilhante, pois não é?

— E' sim. Mas sou eu a unica pessoa que sabe onde elle está! — exclamou Durand, perdendo a calma, sob o acoite do escarneo da rapariga.

— Ah! se o chefe pudesse adivinhar que elle está ao pescoço da sua propria filha! Mas não convem aos meus fins deixar que elle saiba com que facilidade eu o obtive. Tive-o de fonte inteiramente diversa. E eu, que tu consideras tão estúpido, dei-o a Olga, sob a sua mascara de cobalto, para que ella o use como um "pendenti" de que não tenham inveja os seus olhos de céu! Agora, porém, vou dizer ao chefe: e depois que eu lhe disser, quem é que vai ganhar a recompensa pela descoberta da pedra maravilhosa?

— E's esperto como um demônio! — declarou Patricia. — Bem, por hoje, vou-me embora. Já tens contigo os resultados do meu trabalho desta noite. Até á vista, meu sabido!

Quando ella sahiu da loja para entrar no taxi que a aguardava, não fez reparo em que outro carro a seguia. Thapouco se fixou no seu perseguidor quando o seu taxi atravessou a longa ponte sobre o rio e

se lançou pela esplendida estrada rural que Plunkett percorrera, tão pouco antes, no carro de Karakoff. Plunkett seguiu-a, sorrindo tristemente. A rapariga era esparta; ia claramente atrás do "pendentif" de cobalto. Mas, ao fim do páreo, havia de se encontrar com elle!

Então (como sempre occorre nos mais criticos momentos) um dos pneumáticos do carro de Plunkett deu a alma a Deus, e o official viu-se demorado durante uns quinze infinitos minutos, que mal lhe chegaram para articular todas as variadissimas pragas do seu immenso repertorio.

Patricia estava, pois, com Olga, havia já uns bons vinte minutos, quando Plunkett galgou a escadaria da casa, aos quatro e quatro degrãos, e encontrou ao topo della a criada, a quem atirou para o lado sem a menor cerimonia. Na sala, pouco além da entrada, avistou duas figuras e para ellas se adeantou, arquejante sim, mas victorioso:

— Creio que cheguei a tempo! — disse com perfidia, sem despregar os olhos do "pendentif" de cobalto.

Mas tão depressa foram estas palavras pronunciadas que Olga entrou de empallidecer e estendeu os braços para elle.

— Vou desmaiari! — exclamou. E des-acordada, Plunkett a recebeu nos braços. Os seus olhos cahiram, então, sobre os copos dispostos numa bandeja, ao lado, e sobre o rosto de Patricia, logo depois.

— Teve então, tempo para lhe dar a beber a droga suporifera, antes que eu chegasse, hein? Pois bem, donzellinha, agora é desistir do jogo de uma vez! A recompensa pela descoberta do "Sultana" é minha como minha será também esta rapariga, se eu a puder subtrahir ao seu maldito bando de ladrões!

— Que agitação é esta aqui? — disse com voz grave Karakoff, apparecendo á soleira da porta.

— A agitação vem simplesmente de haver eu descoberto que o senhor é um vigarista, um ladrão! — disse Plunkett, com audacia. — Felizmente, estou armado e vou levar comigo sua filha, bem como o brilhante que está aqui! — disse indicando significativamente a preciosa gema.

— Impetuosidades de amador! — disse Karakoff com um suspiro — Pois então, meu rapaz, se eu fosse realmente, o que o senhor supõe que eu sou, os meus criados acaso lhe consentiriam sahir desta casa vivo? Não vê que a sua accusação diz muito mal da sua argucia de "detective"?

— Mas, então, quem é o senhor? — perguntou Plunkett, um pouco aborrecido pelo sorriso de troça que se lia patentemente nos labios do ancião.

— Um agente do serviço secreto que se está servindo de Durand e desta formosa dama como de dois fantoches, para ver o

que todos vós valeis, do ponto de vista profissional!

Plunkett viu, então, o distinctivo policial que Karakoff lhe apresentava, juntamente com uma condecoração e um papel assignado, e não teve remedio senão rir... amarello. Depois, cahiram-lhe os olhos sobre o medalhão de cobalto, e voltou-lhe ao rosto a alegria:

— Seja como for, fui eu o primeiro a descobrir o brilhante! — disse desprendendo o "pendentif" do lindo pescoco que o sustinha. — Eil-o aqui. Olga está voltando a si e é preciso dar-lhe ar. O senhor não quer tomar conta della?

— Leve-a para o jardim — disse a sorrir Karakoff. — Eu me encarrego de attender á outra senhora. Vocês, meninos, vão conversar das suas aventuras. Pela sua coragem e rara felicidade, o senhor fez um bom serviço, meu filho!

— Seu filho, não! Mas algum dia elle me ha de chamar seu genro! — pensou consigo Plunkett, ao mesmo tempo que levava Olga affectuosamente para a refrescante sombra dos jardins.

Loterias da Capital Federal

A REALISAREM-SE EM JULHO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos planos.

Em 15 de Julho... 100:000\$000 por 15\$000

Em 22 de Julho... 100:000\$000 por 22\$000

Em 29 de Julho... 100:000\$000 por 29\$000

No preço dos bilhetes já está incluído o selo. Agentes geraes na Capital Federal: Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 95 — Caixa do Correio n. 817 — Endereço teleg. Lusvel. — Rio de Janeiro.

ELIXIR DE

INHAME



Depura

Fortalece

Engorda

UTEROGENOL

Faça uso de 4 colheres ao dia deste remedio sem ter dieta e ficará completamente curada de seus incommodos. Infallivel nas irregularidades de todas as molestias secretas. Excellente contra anemia e pallidez.



XAROPE DROSEIRA

FONTOURA

CURA
TOSSE

Depositarios:
PLINIO CAVALCANTI & C. — Rua Senador Dantas, 45 — Rio de Janeiro.

GRAÇAS ÀS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN
Desapparecem os perigos dos
partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso
do alludido medicamento,
durante o ultimo mez
da gravidez, terá um parto
rapido e feliz.



Innumeros attestados pro-
vam exuberantemente
a sua efficacia e muitos
medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas
as pharmacias e droga-
rias

Deposito Geral: ARAUJO FREITAS & C.
Rio de Janeiro

Comprar um bilhete da Cruz Vermelha & além de uma habilitação á sorte, um auxilio á Grande Cruzada,

A maior descoberta para a SYPHILIS

O "ELIXIR 914"



Combate a syphilis eficazmente, sem o perigo das injeções. É depurativo energético e tônico de alto valor. No terceiro vidro as manifestações, mesmo as mais graves, tais como: manchas, fistulas, placas, eczemas e reumatismo, desaparecem como por um milagre. 95 por cento dos homens casados que, em solteiros, tiveram doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão por que milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. 3 vidros são sufficientes para restituir a saúde e salvar vossos filhos. Para as crianças syphiliticas é o unico especifico proprio que existe, porque não ataca o estomago e é tônico agradável de tomar.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarior Geraes: GALVAO & C.
AVENIDA S. JOÃO 145
S. PAULO.

Depurativo
Salsa,
Caroba
e Manacá

Do celebre pharmaceutico-chimico E. M. DE HOLLANDA,
preparado pelo Dr. Eduardo
França (Concessionario).



O Rei dos Depurativos

A SALSA, CAROBA E MANACA, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e goza de grande reputação. É o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais eficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, syphiliticas, bouhaticas e escrofulosas provenientes da impureza do sangue, tais como reumatismo, dores articulares, arthritismo, etc. Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios!

Depositarior: ARAUJO FREITAS & C., droguitas. — Rua dos Ourives n. 88, Rio de Janeiro. —
Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias.
VIDRO... 38000



Dão-se 6 contos a quem provar que o ESMALTE GABY não resiste á lavagem de agua e sabão.

Depositarior no Rio — L. Pinto & C. — Rua da Alfandega 139 — sobrado,

A. F. GOTTMANN — Becco do Paysandú, 19
— S. Paulo —

"LORD" VENCERA' "ALMA DE HYENA?"

É a pergunta anciosa que fazem os leitores d'A MAO SINISTRA, empolgados pelas scenas do mais estupendo choro-romance até hoje apparecido. Fasciculo novo todas as quintas-feiras.

Já comprou um bilhete da Cruz Vermelha Brasileira? É a maior da America e a melhor do mundo.

Para todos...

O Utero doente faz da mulher um cadaver vivo

Salve-se com a

"FLUXO-SEDATINA"



E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" actua rapidamente nos orgaos genitales das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorragias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar á luz, facilita o parto, diminue as dores e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorragias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flôres Brancas, Inflamações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, use a "Fluxo-sedatina" e dê as vossas filhas e recommendae ás vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saúde da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recommenda-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradável.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarios Geraes: **GALVÃO & C.**

Avenida S. João 145 -- São Paulo

Em latas e
garrafas

A' venda
em toda
a parte.



A
Z
E
I
T
E
S
O
L
L
E
V
A
N
T
E

AZEITE SOL LEVANTE... é a má
marca do mundo!

Bom Dia!

Tem V. S. um caso crônico de indigestão ou dyspepsia? Se é de difficil cura, tome as

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Nos especializamol-as para a cura de casos duradouros. Tome duas pastilhas depois de cada refeição, e muito breve a sua doença será só a lembrança do passado. Principie hoje o tratamento.

ROUGE "LADY"

SUPERFINO

Superior a todos pela sua coloração natural,
firme e duradoura

E' INOFFENSIVO E INVISIVEL

Preços: Rs. 2\$500

Pelo correio Rs. 3\$500

A' venda em todo Brasil

PERFUMARIA LOPES

MATRIZ — Rua Uruguayana, 44 } **RIO**
FILIAL — Praça Tiradentes, 58 }

Não nos responsabilizamos pelo producto vendido por
menos dos preços acima.

Dentes brancos

Boca limpa

Halito puro

Só com o uso da

"PASTA ORIENTAL"



Pó de Arroz

GLOSSY

ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa grande: 2\$500 — Pelo Correio: 3\$200

Caixa pequena: 1\$000 — Pelo Correio: 1\$500

Caixa Postal: 163 — **RIO**

Envie importância em vale postal, em dinheiro ou
sellos a

CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.

1º DE MARÇO, 13 — 1º andar — **RIO**

TERRIVEIS MOLESTIAS!



José Peixoto da Silva

Residia na cidade de Alagôas no anno de 1903, sendo
chefe da estação da cidade.

Ahi contrahi cancro syphilitico, gonorrhéa acompanhada
de rheumatismo, o qual muito me apertava; depois des-
envolveu-se forte erupção nas pernas, resultando appa-
recer placas nas mesmas e uma em cima da mão es-
querda. Conhecendo as virtudes curativas do *Blivir de*
Nogueira, do Pharmaceutico Chímico João da Silva Sil-
veira, resolvi usal-o; quando havia tomado "2 frascos"
experimentei regulares melhoras. Animando-me com esse
resultado, continuei a usal-o e ao completar o 6º frasco
me achei completamente restabelecido, não apparecendo
até hoje consequências d'aquellas infecções.

Campina Grande, 10 de Julho de 1913. — *José Pei-*
xoto da Silva (Firma reconhecida).

RENY

*A unica
infallivel*

TIRA SARDAS, PANNOS,
MANCHAS
E CURA ESPINHAS.



Pote 4\$000
Pelo
Correio 5\$000



PO' DE ARROZ
RENY — Adheren-
te e perfumado.
Caixa 2\$500 — Pelo
correio 3\$500.

LOÇÃO RENY —
Elimina a caspa e evi-
ta a queda dos cabel-
los. Vidro 5\$ 500 —
Pelo correio 8\$000.

DEPIL Unico liquido que tira o
cabello em 5 minutos. Vi-
dro pequeno 5\$000, grande 8\$000 — Pelo
correio 6\$500 e 12\$000.

AGUA BALSAMICA RENY — Perfume
das orientaes. Algumas gollas perfumam
um banho. Vidro pequeno 5\$000, grande
8\$000 — Pelo correio 8\$000 e 12\$000.

Magalhães & Lobo

48 — RUA SENADOR FURTADO — 48